

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Transferência de comportamentos pró-ambientais entre o contexto doméstico e o contexto universitário: o papel mediador do processo identitário

Catarina Fernandes Tavares

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadoras:

Doutora Carla Sofia Mouro, Investigadora Integrada do CIS-IUL e Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

Doutora Ana Patrícia Duarte, Investigadora Integrada da BRU-IUL e Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

novembro, 2020



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Transferência de comportamentos pró-ambientais entre o contexto doméstico e o contexto universitário: o papel mediador do processo identitário

Catarina Fernandes Tavares

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientadores:

Doutora Carla Sofia Mouro, Investigadora Integrada do CIS-IUL e Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

Doutora Ana Patrícia Duarte, Investigadora Integrada da BRU-IUL e Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

novembro, 2020

Dedico esta tese aos meus pais pelo apoio incondicional e também a todos aqueles que participaram neste estudo e que contribuem com inúmeras atitudes diárias para a sustentabilidade ambiental, promovendo a qualidade de vida da geração atual e futura.

“O futuro dependerá daquilo que fazemos no presente”

Mahatma Gandhi

Agradecimentos

Chegada ao final desta etapa a que me dediquei nos últimos meses, não poderia deixar de agradecer a inúmeras pessoas que, de diversas formas, tornaram possível a concretização deste trabalho e, sem as quais, esta fase teria sido bem mais difícil.

Em primeiro lugar às minhas orientadoras, Doutora Carla Mouro e Doutora Ana Patrícia Duarte, quero agradecer todo o apoio e paciência que tiveram desde o primeiro minuto, transmitindo-me sempre motivação, pela discussão e partilha de ideias, pela revisão do trabalho ao longo deste período e pelos comentários valiosos ao seu melhoramento.

À equipa do projeto da Fundação Calouste Gulbenkian no qual se integrou esta pesquisa, Doutora Sílvia Luís e Rita Moura, por toda a ajuda e disponibilidade mostrada na primeira fase deste trabalho, fase metodológica.

Aos meus pais quero agradecer a importante participação que tiveram neste trabalho, agradecer por todo o amor e carinho, apoio incondicional e incentivo, que me transmitiram constantemente durante este percurso. Com o vosso apoio e através da força e coragem que sempre me deram, tornou-se mais fácil conseguir ultrapassar as dificuldades e olhar em frente.

Ao resto da minha família, que estando longe, sempre me motivaram, apoiaram e me deram força durante este longo período.

Quero agradecer a todos os meus amigos mais queridos, alguns dos quais me acompanharam de uma forma mais presente neste percurso académico, muitos estando na mesma situação, tendo por isso, partilhado juntos tantas alegrias, tristezas, frustrações, desafios e vitórias.

A todos os docentes, funcionários e estudantes que tão gentilmente e de uma forma tão genuína, aceitaram fazer parte da amostra deste estudo.

Muito obrigada a todos!

Resumo

A consciência e preocupação dos indivíduos e organizações em relação ao ambiente tem vindo a aumentar aos poucos. No entanto, a mudança de comportamento por parte destes ainda ocorre de forma insuficiente. Considera-se assim, importante inculcar valores e novos estilos de vida na sociedade visando a conservação do ambiente e a prática de mais comportamentos pró-ambientais, tornando-se essencial para redefinir o futuro. A teoria de transferência comportamental exerce um papel fundamental no estudo dos comportamentos pró-ambientais, dado que enfoca as inter-relações dinâmicas entre comportamentos e os processos que os ligam, a fim de identificar os catalisadores que trazem mudanças mais amplas de comportamento. Assim, este estudo teve como objetivo analisar a relação entre comportamentos de reciclagem auto-relatados nos contextos de casa e universidade e verificar se a identidade ecológica e os princípios identitários exercem um efeito mediador entre os comportamentos pró-ambientais tidos nos dois contextos. Os resultados mostraram que os comportamentos pró-ambientais em casa estão correlacionados com os comportamentos na universidade, e que a identidade ecológica e os princípios identitários exercem um papel mediador sequencial nesta transferência. Discute-se neste trabalho como compreender os processos por detrás do efeito de transferência de comportamentos pode ajudar políticas e intervenções a serem melhoradas para combater os problemas ambientais que enfrentamos atualmente.

Palavras-chave: Comportamento pró-ambiental, Efeito de *Spillover*, Identidade Ecológica, Processo Identitário.

Códigos de classificação da APA:

4050 Community & Environmental Planning

4070 Environmental Issues & Attitudes

Abstract

The awareness and concern of individual and organizations in relation to the environment has been increasing. However, the behavior change on the part of them still occurs in an insufficient way. It is therefore considered important to instill values and new lifestyles in society, aiming at the conservation of the environment and the practice of more pro-environmental behaviors, becoming essential to redefine the future. Behavioral spillover theory plays a fundamental role in the study of pro-environmental behaviors, as it focuses on the dynamic interrelationships between behaviors and the processes that link them, in order to identify the catalysts that bring about broader behavioral changes. Thus, this study aimed to analyze the relationship between self-reported recycling behaviors in the home and university contexts and to verify whether ecological identity and identity principles have a mediating effect between the pro-environmental behaviors in both contexts. The results showed that pro-environmental behaviors at home are correlated with behaviors at the university, and that ecological identity and identity principles play a sequential mediating role in this transfer. This work discusses how understanding the processes behind the behavioral transfer effect can help policies and interventions to be improved to combat the environmental problems we currently face.

Key Words: Pro-Environmental Behaviour, *Spillover* Effect, Environmental Identity, Identity Process

APA's Classification Codes:

4050 Community & Environmental Planning

4070 Environmental Issues & Attitudes

Índice

Resumo.....	i
Abstract	iii
Introdução.....	1
Capítulo I. Enquadramento Teórico	5
1.1. Desenvolvimento Sustentável.....	5
1.2. O Contributo da Psicologia Ambiental.....	6
1.3. Comportamento Pró-Ambiental (CPA).....	7
1.4. Efeito de Transferência: Definição e Tipos	8
1.4.1 <i>Transferência Positiva entre Contextos</i>	9
1.5. Mediadores da Transferência de Comportamentos Ambientais entre Contextos.....	12
1.5.1. <i>Identidade Ecológica</i>	12
1.5.2. <i>A Teoria do Processo Identitário</i>	14
1.6 Objetivos e Hipóteses	18
Capítulo II. Metodologia	21
2.1. Contexto de Estudo e Amostra	21
2.2. Procedimento	23
2.3. Instrumento.....	24
2.3.1. <i>Transferência de Comportamentos</i>	24
2.3.2. <i>Comportamentos Pró-Ambientais (Variável Preditora e Critério)</i>	25
2.3.3. <i>Identidade Ecológica (Mediadora 1)</i>	25
2.3.4. <i>Princípios Identitários (Mediadora 2)</i>	26
Capítulo III. Resultados.....	27
3.1. Análise Descritiva.....	27
3.2. Análise Bivariada: Correlações	27
3.3. Teste das Hipóteses: Modelo de Mediação	29
Capítulo IV. Discussão.....	33
4.1 <i>Conclusão</i>	37
Referências Bibliográficas	39
Anexos.....	45

Índice de Figuras

Figura 1.1 – <i>Modelo Teórico Proposto</i>	19
--	----

Índice de Quadros

Quadro 2.1 – <i>Características da Amostra</i>	21
Quadro 3.1 – <i>Estatísticas Descritivas, Consistência Interna e Correlações entre as Variáveis do Estudo</i>	28
Quadro 3.2 – <i>Coefficientes e Informações de Resumo para o Modelo de Mediação Sequencial</i>	30
Quadro 3.3 – <i>Efeitos Indiretos</i>	30
Quadro 4 – <i>Teste de KMO e Bartlett</i>	51
Quadro 5 – <i>Comunalidades dos Itens das Escalas</i>	52
Quadro 6 – <i>Matriz de Componente Rotativa</i>	53

Glossário de siglas

CPA – Comportamento pró-ambiental

TPI – Teoria do Processo Identitário

SPSS – Software Statistical Package for Social Sciences

Introdução

Os ecossistemas têm sido negativamente impactados pelo aumento exponencial do uso dos solos, água e fontes de energia ao longo dos anos, sendo uma expressão bastante visível do quanto o ser humano tem retirado à natureza. O Planeta Terra tem sofrido, portanto, uma grande pressão a nível ambiental, resultante das atividades económicas, que existem com o propósito de satisfazer os altos níveis de consumo da população. Isto é, os níveis de consumo económico, que ocorrem principalmente nos países mais industrializados têm colocado o ambiente sobre uma imensa pressão (Leonard, 2010).

Para Pinheiro (2002), os danos ambientais têm aumentado e têm-se tornado cada vez mais evidentes, tanto para os cientistas quanto para a população em geral. Em decorrência disso, tem crescido o interesse pelos aspetos psicológicos da relação pessoa-ambiente nas diversas áreas do conhecimento e, paralelamente, o interesse em se identificar os motivos de rejeição para com os comportamentos pró-ambientais (CPA).

Gifford (2014) aponta que, apesar da maioria das pessoas terem conhecimento e se declararem preocupadas com o meio ambiente, a mudança de comportamentos ainda ocorre em nível insuficiente. O mesmo é afirmado por Hartley e colaboradores (2018) quando apontam que, embora a conscientização pública sobre os problemas relacionados com os resíduos (por exemplo, poluição marinha) esteja a crescer e as taxas de reciclagem estejam a aumentar em muitos países, tem havido pouco progresso nos comportamentos de redução e reutilização.

Dada a necessidade de acelerar as mudanças da sociedade para enfrentar os desafios da sustentabilidade, alterações políticas e outras intervenções poderão oferecer maneiras de catalisar mudanças gerais no estilo de vida de maneira mais eficaz e significativa. Isto significa que também as organizações têm a possibilidade de moldar estruturas materiais, significados, normas e competências, e práticas nos locais de trabalho, o que pode criar ambientes de apoio para os profissionais executarem rotinas sustentáveis (Bostrom et al., 2015; Sußbauer & Schafer, 2018). Por isso, as mudanças comportamentais ambientais nestes contextos são inevitáveis caso se pretenda alcançar o desenvolvimento sustentável.

De acordo com Silveira-Martins e colaboradores (2010), a condução das organizações por caminhos que as levem a obter competitividade e ao mesmo tempo contribuir para o alcance da sustentabilidade tem-se caracterizado como um grande desafio da gestão empresarial. Perante

isto, diversas alternativas vêm sendo desenvolvidas na busca pela sustentabilidade dos sistemas produtivos, tais como: reaproveitamento de resíduos, redução das emissões atmosféricas e desenvolvimento de embalagens biodegradáveis, entre outros.

No entanto, fazer com que uma organização transforme os seus procedimentos de trabalho em práticas ecológicas para promover a sustentabilidade é um processo que exige que os membros da organização desenvolvam um conjunto de habilidades pró-ambientais, a fim de complementar a tecnologia na busca de objetivos ecológicos (Hottenrott et al., 2016). Isto é, as tentativas que as organizações fazem para introduzir políticas verdes internas, implementar sistemas de gestão ambiental e adotar padrões certificáveis tendem a ser simbólicas e permanecem ineficientes sem a integração adequada dos funcionários (Boiral, 2007). Portanto, é essencial a reorientação dos membros da organização em relação ao comportamento ambientalmente amigável em todos os aspectos das operações de negócios.

Uma parte da literatura que examina o comportamento pró-ambiental individual concentra-se em comportamentos que têm tradicionalmente sido classificados como próprios da esfera doméstica: separação de lixo e reciclagem (Barr, 2007; Tudor et al., 2007), poupança de energia (Abrahamse et al., 2005) e escolha do modo de viagem (Anable & Gatersleben, 2005). Para grande parte desta pesquisa, o contexto onde estes comportamentos ocorrem em primeiro lugar é o ambiente doméstico, onde o controle individual sobre o seu desempenho é relativamente alto. No entanto, segundo Stern (2000), as escolhas ambientais na esfera privada podem afetar as ações e comportamentos de um funcionário no local de trabalho¹. A importância de considerar a ocorrência dos mesmos comportamentos ou similares em diferentes contextos levou ao desenvolvimento de teorias sobre a transferência comportamental (*spillover effect*).

A teoria de transferência comportamental enfoca as inter-relações dinâmicas entre comportamentos e os processos que os ligam, a fim de identificar os catalisadores que trazem mudanças mais amplas de comportamento (Carter & Ockwell, 2008). Segundo Whitmarsh e O'Neill (2010), mesmo com toda a investigação existente sobre este tema, ainda está longe de ser claro porque ou como os efeitos de transferência ocorrem e se eles se devem principalmente a fatores contextuais ou motivações individuais. O mesmo afirmam Yuriev e colaboradores (2018) que referem que uma das áreas não estudadas relativamente aos CPA no trabalho são os efeitos de *spillover*.

¹ O presente trabalho realizou-se num contexto universitário abrangendo tanto os seus funcionários e docentes como os seus estudantes. Por uma questão de facilidade de leitura irá utilizar-se a expressão “contexto de trabalho”, embora se esteja ciente que no caso dos estudantes não é este o vínculo estabelecido com a organização.

Assim, uma compreensão mais profunda dos mecanismos psicológicos e dos gatilhos pessoais e situacionais dos efeitos de transferência entre contextos pode contribuir para melhorar a implementação de programas e políticas, no sentido de apelar a corretas práticas ambientais tanto no local de trabalho como também fora deste, como, por exemplo, no contexto doméstico.

A identidade ecológica tem sido uma variável analisada em alguns estudos sobre este tema. No entanto, tem-se verificado que existe alguma controvérsia em relação ao papel da mesma na transferência de comportamentos entre contextos (Cornelissen et al., 2008; Whitmarsh & O'Neill, 2010). Visto isto, e de modo a clarificar o papel dos processos identitários no efeito de transferência neste estudo, vai-se examinar o papel mediador da identidade ecológica e dos “princípios identitários (autoeficácia, autoestima, continuidade e distintividade)” propostos por Breakwell (1993) e que segundo Frezza e colaboradores (2019) podem contribuir para a compreensão de mudanças para transferência de comportamentos sustentáveis.

Assim, de forma a entender o processo de *spillover* e os mecanismos por detrás deste efeito, parte-se da seguinte questão de investigação: “A identidade ecológica e os processos identitários exercem um efeito mediador sequencial na transferência de comportamentos pró-ambientais entre contextos, nomeadamente entre os contextos doméstico e de trabalho?”

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se (1) uma revisão teórica sobre os contributos da Psicologia Ambiental para a sustentabilidade, comportamentos pró-ambientais, (2) a definição e tipos de efeito de transferência, (3) os mediadores da transferência de comportamentos ambientais entre contextos, a identidade ecológica e os princípios identitários e (4) os objetivos e hipóteses do estudo. No segundo capítulo, serão descritas as características da amostra, instrumentos e procedimento de pesquisa, no terceiro capítulo serão apresentados os resultados e no quarto capítulo, a discussão dos resultados, as implicações e limitações do estudo.

Capítulo I. Enquadramento Teórico

1.1. Desenvolvimento Sustentável

O termo "desenvolvimento sustentável" foi adotado há mais de três décadas por instituições internacionais, governos e organizações comunitárias em todo o mundo. Foi, então, definido pela *World Commission on Environment and Development* (1987) como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades das gerações presentes, sem afetar a capacidade de gerações futuras de também satisfazerem as suas próprias necessidades. Este conceito baseia-se assim, segundo Reis e Silveira (2001), em ações humanas, modificação de comportamentos, culturas e métodos. Segundo Schwartzman (1999), a perspectiva do desenvolvimento sustentável é uma perspectiva antropocêntrica, no sentido em que expressa a preocupação com o futuro das pessoas, e não com a natureza enquanto tal. No entanto, segundo o mesmo autor, ao contrário das formas extremas do modernismo, o desenvolvimento sustentável supõe que a natureza tem limites, que o progresso humano não pode continuar de forma ilimitada e incontrolável, e que deve haver uma responsabilidade coletiva pelo uso dos recursos naturais.

A problemática da sustentabilidade assume um papel central na reflexão sobre as dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se configuram, sendo que o quadro socioambiental que caracteriza as sociedades contemporâneas revela que o impacto das atividades humanas sobre o ambiente tem tido consequências cada vez mais complexas.

Tal como destaca Sorrentino (2002, p.19), “é preciso despertar em cada indivíduo o sentimento de ‘pertencimento’, participação e responsabilidade na busca de respostas locais e globais que a temática do desenvolvimento sustentável nos propõe”. Deste modo, surge a necessidade de haver uma mudança de paradigma do comportamento do ser humano e da sociedade face à problemática ambiental instaurada.

As organizações, vistas como células de transformação, possuem um papel fundamental na transição para contextos mais sustentáveis. A sustentabilidade das organizações consiste em assegurar o sucesso do negócio a longo prazo e ao mesmo tempo contribuir para o desenvolvimento económico e social da comunidade e um meio ambiente saudável (Instituto Ethos, 2009). Este conceito pressupõe, então, que a organização cresça, seja sustentável e que alcance resultados económicos, contribuindo para a preservação do planeta. Tal é afirmado por Werbach (2010, p.67): “A sua ação de sustentabilidade precisa de estar no núcleo da organização – ser arrojada, e não postiça...”, salientando como para que esta se torne

sustentável é necessário que a sustentabilidade passe a fazer parte da sua estratégia. Com o intuito de satisfazer as exigências do meio, as organizações devem focar-se nos níveis económico, social e ambiental da sustentabilidade. Segundo Leoneti e colaboradores (2016), os indicadores de sustentabilidade devem ocupar um papel de destaque na avaliação de desempenho das organizações quanto aos aspetos económico, ambiental e social, e podem auxiliar no planeamento de metas de sustentabilidade para o alcance do desenvolvimento sustentável.

Algumas investigações provenientes da Psicologia Ambiental (Cronick et al., 2002; Moser, 2002) comprovam a importância desta área para conseguir a mudança de atitudes e comportamentos das pessoas no sentido de melhorar a qualidade ambiental e a qualidade de vida das pessoas. Assim, a seção seguinte irá ter o seu foco no contributo da Psicologia Ambiental para promover comportamentos pró-ambientais e consequentemente alcançar o desenvolvimento sustentável.

1.2. O Contributo da Psicologia Ambiental

Segundo Baum e colaboradores (2001), a psicologia ambiental é o estudo amplo da relação do comportamento e experiência com o ambiente natural e construído. Esse campo de investigação procura analisar o indivíduo ou grupo humano no seu contexto, tendo como temática central a relação recíproca entre pessoas e o ambiente físico e social. Por outras palavras, a Psicologia Ambiental é então uma subárea da Psicologia, que tem como objeto de estudo as inter-relações entre as pessoas e suas ações para com o meio ambiente (Alves & Bassani, 2008).

Deste modo, a ênfase encontra-se no estudo da inter-relação pessoa-ambiente, remetendo para o facto de que as pessoas alteram o ambiente e este também interfere no comportamento humano, ou seja, o indivíduo age sobre o ambiente, construindo-o, mas esse ambiente é capaz de modificar e influenciar as condutas humanas.

Tanto a Psicologia Ambiental como a Sociologia Ambiental têm contribuído com estudos sobre este tópico, principalmente no que se refere ao pressuposto de que mudanças nas atitudes que promovam comportamentos pró-ambientais são fundamentais para a sociedade lidar com os graves problemas ambientais que se fazem sentir atualmente. Segundo Corral-Verdugo (2001), o problema mais premente na Psicologia Ambiental é o estudo da degradação do ambiente.

Ainda segundo Corral-Verdugo e colaboradores (2004), conhecer a estrutura dos comportamentos pró-ambientais e as condições que tornam possível o seu surgimento vai

permitir o desenvolvimento dessa capacidade nos indivíduos. Com isto, um passo fundamental para o seu desenvolvimento é a compreensão das suas características relevantes como uma capacidade humana, sendo este também um dos objetivos da Psicologia Ambiental. Assim, nas próximas seções irá ser dada especial importância aos comportamentos pró-ambientais, à correspondente definição e tipos de comportamento, bem como aos tipos de efeitos de transferência existentes.

1.3. Comportamento Pró-Ambiental (CPA)

O termo “comportamento” é geralmente compreendido de uma forma intuitiva e grande parte dos estudos psicológicos e sociológicos acabam por não sugerir definições para o termo (Eilam & Trop, 2012). No entanto, dentro do tema dos comportamentos pró-ambientais, o termo é entendido como uma resposta ativa a uma qualquer questão ambiental atual, em que a pessoa atua acreditando ser pró-ambiental; ou seja, a ação é empreendida com a intenção de transformar o meio ambiente de forma benéfica (Eilam & Trop, 2012; Stern, 2000). Será portanto, um “comportamento que conscientemente procura minimizar o impacto negativo que certas ações têm sobre o mundo natural e construído (como por exemplo minimizar o consumo de recursos e energia, o uso de substâncias não tóxicas, redução da produção de resíduos)” (Kollmuss & Agyeman, 2002, p. 240). Segundo Stern (2000), o comportamento pró-ambiental pode ser definido, então, pelo seu impacto no ambiente, sendo que este poderá alterar, até certo ponto, a disponibilidade de materiais ou energia do meio ambiente ou alterar a estrutura e a dinâmica dos ecossistemas ou da própria biosfera. A importância da aquisição de comportamentos amigos do ambiente a nível individual tem sido explicada pela crença de que mudanças no comportamento ambiental a nível pessoal podem levar a mudanças em termos de sustentabilidade, a nível social, ou seja, se toda a gente se comportar de forma responsável face aos desafios do ambiente, a sociedade irá ser sustentável no seu todo (Eilam & Trop, 2012).

São muitas e diversas as ações quotidianas que se podem considerar como CPA e que podem ser levadas a cabo pelas pessoas e pelos grupos, com vista à criação de um planeta mais sustentável, desde o uso racional de água e energia à separação de resíduos para a reciclagem, do uso de transportes públicos e redução do consumo de produtos ao voluntariado em organizações não-governamentais de defesa do ambiente, assinatura de petições, entre muitas outras (Dias, 2009; Sánchez & Lafuente, 2010; Stern, 2000).

O CPA engloba, assim, o consumo ecológico e o consumo sustentável, e foca-se muito no princípio dos 3Rs – uma mnemónica que se baseia nos conceitos de “reduzir” o consumo de

cada um, “reutilizar” ao máximo os produtos e objetos já adquiridos e “reciclar” tudo quanto se possa, em que o objetivo primordial é a redução e separação de resíduos e do gasto de recursos naturais.

Há comportamentos que provocam alterações ambientais de forma direta e outros comportamentos que são relevantes ambientalmente de forma indireta, pois formatam o contexto onde as escolhas dos comportamentos diretos são tomadas. Entre os comportamentos diretos, estudos apontam, por exemplo, a extração de petróleo ou a forma como os resíduos domésticos são descartados. Já os comportamentos com um impacto indireto no ambiente são aqueles que, por exemplo, afetam o desenvolvimento de políticas internacionais ou políticas de impostos nacionais. O presente estudo irá focar-se sobre comportamentos que exercem um impacto direto sobre o ambiente, tal como os comportamentos de reciclagem/separação de resíduos. Será abordada a relação entre a sua ocorrência em diferentes contextos, o doméstico e o de trabalho, pelo que a seção seguinte abordará a definição de efeito de transferência ou *spillover*, apresentando contributos da literatura para a compreensão deste fenómeno quando aplicado aos comportamentos pró-ambientais.

1.4. Efeito de Transferência: Definição e Tipos

A transferência ou repercussão comportamental ou *spillover*, pode ser definida, segundo Poortinga et al. (2013), como um efeito observável e causal que um comportamento exerce sobre outro. Esses comportamentos ambientais podem ser iguais, isto é a repetição de um mesmo comportamento em diferentes contextos ou situações, ou ser diferentes um do outro; devem ser sequenciais (onde um comportamento segue outro); devem compartilhar um motivo (por exemplo, pró-ambientalismo) e envolver um vínculo comum (por exemplo, reduzindo as emissões de CO₂) (Dollan & Galizzi, 2015). Por outras palavras, designa-se *spillover* quando o envolvimento num comportamento influencia a probabilidade de conduta de um comportamento subsequente. O primeiro comportamento pode aumentar a probabilidade de ocorrência de um segundo comportamento diferente, ou o mesmo comportamento ao longo do tempo ou entre contextos, resultando num efeito de *spillover* positivo.

No entanto, existe literatura que postula que realizar um comportamento ambientalmente consciente pode tornar o desempenho de outros comportamentos subsequentes menos provável, designando-se de *spillover* negativo. Algumas evidências de *spillover* negativo foram encontradas num estudo de Nayum e colaboradores (2013), que mostraram que a compra de um veículo com baixo consumo de combustível tem sido associada a reduções no

comportamento de condução ambientalmente responsável, incluindo menor disposição para limitar a quilometragem. Outro estudo destes autores mostrou que os proprietários noruegueses de carros elétricos sentiam menos obrigação moral de agir de maneira pró-ambiental em comparação com os proprietários de carros convencionais. Isto sugere assim, que o ato de comprar um carro elétrico levou as pessoas a sentirem-se justificadas em deixar passar uma oportunidade de se envolverem num comportamento pró-ambiental subsequente porque sentiram que tinham feito a sua parte ao desempenharem o comportamento inicial.

Para além desta distinção entre *spillover* positivo e negativo, pode-se considerar que existem três tipos de transferência ou repercussões: repercussões no comportamento, repercussões no tempo e repercussões entre contextos (Dolan & Galizzi, 2015; Truelove et al., 2014). A repercussão comportamental, em que um comportamento A leva ao desempenho de um comportamento B parece ser o tipo de repercussão mais frequentemente mencionada ao longo de investigações anteriores (Dolan & Galizzi, 2015; Truelove et al., 2014).

Isto significa que tem sido menos comum em pesquisas anteriores estudar como um comportamento pode ser alterado ao longo do tempo (Thøgersen & Olander 2003), ou entre contextos (Littleford et al., 2014). A disseminação de comportamentos ao longo do tempo remete para como o desempenho de um comportamento pró-ambiental A no tempo presente afeta a probabilidade de conduzir o mesmo tipo de comportamento num tempo futuro. Já quanto à transferência entre contextos, esta foca-se na forma como a condução de um comportamento A num contexto pode afetar a probabilidade de desempenhar esse mesmo comportamento num segundo contexto (Edwards & Rothbard, 2000). No presente trabalho, o foco concentrar-se-à na repercussão positiva entre contextos onde o objetivo será estudar comportamentos relacionados à reciclagem, poupança de energia e redução de descartáveis em dois contextos diferentes.

Na próxima seção, apresenta-se uma revisão de literatura mais detalhada acerca do tipo de transferência que se irá abordar neste trabalho, a transferência positiva entre contextos.

1.4.1 Transferência Positiva entre Contextos

As pessoas passam grande parte do seu dia-a-dia ou no trabalho ou em casa, tornando a ocorrência e transferência de comportamentos entre os dois contextos cruciais para alcançar uma vida mais sustentável (Cox et al., 2012). No entanto, o *spillover* entre esses dois cenários

tem recebido pouca atenção e tem sido pouco explorado em estudos anteriores (Littleford et al., 2014; Whitmarsh et al., 2018).

A literatura sobre a transferência de CPAs tem-se focado tanto na transferência do contexto doméstico para contextos laborais, como vice-versa. No entanto, segundo Young e colaboradores (2015) qualquer transferência contextual tem mais probabilidade de se originar a partir de um comportamento doméstico e ser transferido para o local de trabalho do que o inverso.

Thøgersen e Noblet (2012) argumentam que comportamentos nas mesmas categorias taxonômicas (que ocorrem no mesmo local, que partilham as habilidades empregues, etc.) tendem a estar mais fortemente correlacionados do que comportamentos de diferentes categorias taxonômicas. No entanto, para comportamentos similares em ambientes domésticos e organizacionais, não está claro se a experiência anterior do comportamento num ambiente incentivará o desempenho do comportamento noutra ambiente, levando a efeitos de repercussão, ou se as diferenças existentes entre os contextos familiar e organizacional levarão a diferenças no desempenho do comportamento.

Das pesquisas já realizadas anteriormente, muitos autores apontam que intervenções implementadas nos locais de trabalho permitem a transferência positiva dos padrões de consumo para os contextos domésticos (Rashid & Mohammad, 2012). Tal é evidenciado também por Andersson e colaboradores (2012) que observaram a prática de comportamentos de separação de lixo no contexto doméstico a partir de um esquema de reciclagem no local de trabalho.

O *spillover* positivo entre contextos tem sido encontrado em comportamentos de conservação de energia (Littleford et al., 2014) e em comportamentos de reciclagem do local de trabalho para contextos domésticos na Malásia (Rashid & Mohammad, 2011; 2012), Taiwan (Lee et al., 1995), Reino Unido (Tudor et al., 2007) e Suécia (Andersson et al., 2012). Rashid e Mohammad (2011, 2012) verificaram que o comportamento pró-ambiental no trabalho explicou 14% da variação do comportamento pró-ambiental em casa.

Outros autores, como Dittmer e Blazejewski (2017), encontraram ainda relações limitadas entre os comportamentos de conservação de energia no local de trabalho e em casa, embora essas relações fossem mais fortes nos locais de trabalho em que havia mais vigilância sobre o comportamento. Assim, os autores concluíram que "as pessoas se comportam de forma mais consistente em ambientes onde ocorre maior controle sobre o seu próprio comportamento" (p.165), incluindo controle físico e social (controle dos colegas e superiores).

No entanto, outros trabalhos sugerem que mesmo que no contexto doméstico os indivíduos não tenham autonomia completa (dado que o seu comportamento pode ser influenciado ou restringido pelas pessoas com quem convive, ou pelas finanças, tempo ou instalações disponíveis), ainda é provável que um indivíduo tenha maior controle sobre esses comportamentos na sua própria casa do que num ambiente organizacional, como um escritório (Littleford et al., 2014). Nos escritórios, os comportamentos são moldados pelo contexto físico do escritório (a presença de controles sobre os sistemas ou equipamentos de construção), mas também pelo contexto social (as necessidades, expectativas ou normas das pessoas com quem eles compartilham o escritório) e pelo próprio contexto organizacional (as políticas e expectativas da organização que os emprega) (Littleford et al., 2014).

As pesquisas realizadas por Whitmarsh e colaboradores (2018) sugerem que existem mais barreiras para a redução de resíduos (reciclagem e reutilização) fora do contexto doméstico do que dentro dele; e que fatores contextuais (por exemplo as instalações) são tão preditivos da redução de resíduos quanto fatores individuais. Ao mesmo tempo em que há uma variação considerável entre os contextos, também se observou heterogeneidade entre os comportamentos: a reciclagem é mais comum do que outros comportamentos de redução de resíduos (Whitmarsh et al., 2018) e aparentemente mais transferível entre contextos do que comportamentos de reparo/reutilização. Isso pode ocorrer porque os comportamentos de reparo/reutilização são potencialmente mais diversos e dependem de requisitos, habilidades e equipamentos específicos do contexto, do que comportamentos de reciclagem, que exigem apenas um recipiente relevante.

Num estudo de Barr e colaboradores (2010), os autores observaram que para alguns grupos de indivíduos, o comportamento não é transferido para outro contexto; no entanto, para outros, os comportamentos transferíveis apresentam pouca diferença entre os contextos. Nesse estudo relataram que pessoas que economizam energia em casa são menos consistentes noutros ambientes, por exemplo, quando estão de férias. Este estudo mostrou também que os indivíduos estavam mais motivados em ter comportamentos pró-ambientais (por exemplo reciclagem) em casa do que no trabalho ou estando de férias. Um fator apontado para o resultado encontrado é o de que a consistência entre contextos pode ser facilitada ou limitada pela disponibilidade de recursos e infraestrutura e pela dinâmica social própria de cada contexto, como também explicam os autores Maki e Rothman (2016). A consistência comportamental, segundo Steg (2008) e Dwyer e colaboradores (2015), também pode ser restringida por diferenças na autonomia percebida e no sentido de responsabilidade de agir em diferentes contextos.

Além das mudanças observáveis, as transferências podem incluir mudanças menos observáveis (conscientes ou inconscientes) por meio de processos paralelos, incluindo a identidade (Poortinga et al., 2013), os valores (Thøgersen & Noblet, 2012) e o conhecimento/consciência (Thøgersen et al., 2010). Para além disto, os efeitos de *spillover* também podem ocorrer recorrendo a outros tipos de intervenções comportamentais, mudanças na consciencialização, disponibilidade de infraestrutura e recursos, avanços tecnológicos e mudanças de políticas (Nash et al., 2017). Em alguns casos, a transferência comportamental ocorre ainda que as pessoas possam estar relativamente inconscientes ou desinteressadas do impacto ambiental das suas ações (por exemplo, quando as ações são motivadas por outros objetivos, como interesse financeiro). Os efeitos de *spillover* também podem estender-se além das taxonomias pró-ambientais, por exemplo, influenciando quer ações pró-sociais (Howell, 2016) quer ações relacionadas à saúde (Karmarkar & Bollinger, 2015), entre outras.

Apesar do interesse da literatura em relação ao tema, segundo Nash e colaboradores (2017), estão ainda pouco estudadas as condições e processos que sustentam ou obstruem o efeito de *spillover* entre contextos, permanecendo assim uma lacuna de investigação sobre os mecanismos que estão por trás deste efeito.

Na seção seguinte vão ser apresentadas as variáveis/determinantes que podem influenciar o processo de transferência de CPAs entre contextos selecionadas para este trabalho, nomeadamente a identidade ecológica e a teoria do processo identitário.

1.5. Mediadores da Transferência de Comportamentos Ambientais entre Contextos

1.5.1. Identidade Ecológica

A identidade ecológica pode ser vista como a perceção dos indivíduos sobre o seu relacionamento pessoal com a natureza e sobre o papel adequado dos seres humanos na Terra. Esta identificação com a proteção da natureza influencia atitudes, normas pessoais, intenções e comportamentos (Steg et al., 2014).

Segundo Clayton e Opatow (2003) a identidade ecológica define-se também como a extensão em que alguém se vê como uma pessoa cujas ações são ecológicas. Ela prescreve um curso de ação que é compatível com um senso de quem a pessoa é e, como tal, promove ações pró-ambientais. Assim, as pessoas com uma forte identidade ambiental consideram-se como uma pessoa mais amiga do meio ambiente e têm maior probabilidade de agir de acordo com essa identidade.

Evidências sobre a flexibilidade da identidade ambiental e o seu papel como mediador potencial de efeitos positivos de transferências têm surgido de vários estudos (Poortinga et al., 2013; Van der Werff et al., 2014a; Van der Werff et al., 2014b; Whitmarsh & O'Neill, 2010).

Rashid e Mohammad (2011, 2012) sugeriram que as transferências positivas contextuais são motivadas por processos de identidade social, apego ao local e dissonância cognitiva, onde a identidade social está envolvida no ajuste de atitudes de acordo com o comportamento no primeiro contexto e a dissonância cognitiva está envolvida na ação consequente no segundo contexto.

Estudos conduzidos por Cornelissen e colaboradores (2008) e Van der Werff e colaboradores (2014) com manipulação experimental, mostraram que a identidade ecológica era fortalecida quando os indivíduos se recordavam de comportamentos ambientais passados, mediando por sua vez a transferência comportamental positiva. Isto é, recordar as pessoas sobre os resultados ambientais positivos do seu comportamento leva-as a verem-se a si mesmas como o tipo de pessoa que se preocupa com questões ambientais, estabelecendo uma identidade ambiental e regras de conduta correspondentes (Cornelissen et al., 2008). Essa identidade torna os indivíduos mais propensos a envolverem-se em comportamentos pró-ambientais subsequentes.

Na mesma linha de pesquisa, Van der Werff e colaboradores (2013) descobriram que os indivíduos que haviam sido lembrados do seu desempenho anterior de uma série de comportamentos pró-ambientais (CPA) tinham maior probabilidade de tomar decisões de compra de produtos "ecológicos", em comparação com aqueles que foram lembrados de ações hostis ao meio ambiente (Van der Werff et al., 2013). Além disso, os autores descobriram que essa repercussão positiva foi mediada pela identidade ambiental, de modo que lembrar as pessoas de CPA anteriores aumentou a identidade, o que levou as pessoas a escolher produtos verdes e a fazer julgamentos pró-ambientais em dilemas sociais.

Algumas investigações anteriores sugerem ainda que a transferência dos comportamentos pró-ambientais entre o contexto doméstico e o contexto de trabalho pode ser possível se houver apoio organizacional ou social nos dois ambientes (Rashid & Mohammad, 2011); ou se alguém tem uma forte identidade pró-ambiental (Frezza et al., 2019), presumindo assim o autor, que a identidade é provavelmente importante para a ocorrência de efeitos de *spillover*. É apontado também por trabalhos anteriores que qualquer transferência entre contextos é mais provável de se originar a partir de um comportamento doméstico e ser transportado - através da identidade, atitudes ou algum outro construto psicológico - para o local de trabalho (Tudor et al., 2008; Young et al., 2015). Ao encontro destas evidências vai também a investigação de Dittmer e

Blazejewski (2017) que investigaram as repercussões do comportamento pró-ambiental da esfera privada para as esferas de trabalho, acabando por propor que a identidade ambiental é uma base motivacional essencial para a transferência casa-trabalho.

No entanto, a pesquisa sobre os comportamentos pró-ambientais mostra que existe alguma controvérsia em relação ao papel da “identidade ecológica”, uma vez que, nem todos os autores encontram uma relação positiva desta variável com o efeito de spillover. Num estudo conduzido por Whitmarsh e O’Neill (2010), os autores investigaram as relações entre vários comportamentos pró-ambientais para avaliar o grau de consistência numa variedade de comportamentos diferentes, tendo como objetivo verificar se essa consistência se devia a uma causa motivacional geral (identidade ambiental, valores pró-ambientais ou perceções das mudanças climáticas) ou a fatores contextuais ou demográficos. Os resultados do seu trabalho sugeriram que a identidade é um preditor significativo, porém bastante fraco, apenas para alguns comportamentos, tais como a redução de resíduos, conservação regular de água e energia doméstica e compras ecológicas e alimentação (para o qual é o preditor mais forte). Já quanto aos comportamentos associados a transportes e viagens, a identidade mostrou ser um preditor negativo.

Nesta mesma lógica, num estudo mais recente, Whitmarsh e colaboradores (2018) analisaram se as atitudes, os hábitos, a identidade e as normas pessoais iriam prever o comportamento de reciclagem entre três contextos diferentes: casa, trabalho e férias. Os resultados encontrados mostraram que a identidade ecológica não era um preditor da consistência entre esses contextos.

Como visto anteriormente, o papel que a identidade ecológica exerce na transferência de comportamentos pró-ambientais entre contextos ainda não está bem definido. Assim, no sentido de clarificar esse papel, vai-se investir em examinar o seu contributo a partir de uma perspetiva teórica que integra os mecanismos que intervêm na construção, manutenção e ativação da identidade, a Teoria do Processo Identitário, a qual irá ser abordada na próxima seção.

1.5.2. A Teoria do Processo Identitário

Segundo Breakwell (1986), a Teoria do Processo Identitário (TPI) é uma teoria holística que evita a separação de identidades pessoais e sociais e o conceito de múltiplas identidades. Ainda segundo esta autora, a identidade pode ser definida como um produto social dinâmico resultante da interação entre o indivíduo (considerando as suas características e capacidades para

desenvolver memória, consciência e interpretações organizadas) e o contexto social (estruturas físicas e sociais e processos influentes). Este aspeto da TPI é de grande importância para o presente trabalho, pois além de considerar o papel das atividades mentais (por exemplo, percepções, interpretações e crenças), a TPI destaca também a importância das estruturas sociais para a construção da identidade e a maneira como as pessoas agem e se comportam. Portanto, para este trabalho é importante perceber como as estruturas sociais (neste caso, os contextos doméstico e de trabalho) exercem influência sobre o comportamento dos indivíduos.

Angouri (2016) observou que, metodologicamente, a identidade pode ser entendida como algo que os indivíduos têm ou algo que os indivíduos fazem. A TPI destaca que as mudanças sociais afetam a construção da identidade; a construção da identidade afeta as ações das pessoas e, simultaneamente as ações (re) moldam a identidade (Breakwell, 1993). Por outras palavras, esta perspetiva teórica explica como contextos sociais, bem como mudanças relacionadas com estruturas físicas e sociais e processos influentes, afetam o conteúdo e a estrutura da identidade. Enquanto atuam e fazem parte de contextos sócio-históricos, os indivíduos assimilam o conteúdo da identidade, o que define a importância das suas características (Breakwell, 1986). Dado isto, a identidade não é uma entidade estática.

Breakwell (1986, 1988) sugere então que a construção da identidade é regulada por dois processos internos: (1) 'assimilação-acomodação' que se refere à absorção de novos elementos na identidade e ao subsequente ajuste que ocorre na estrutura da identidade para dar espaço a novos elementos, e (2) 'avaliação' que se refere à atribuição de valor aos elementos da identidade (Breakwell, 2010). Esses processos estão subjacentes à construção e manutenção da identidade e são guiados por pelo menos quatro princípios, que podem ser descritos como estados desejáveis para a estrutura da identidade (Breakwell, 1993), sendo eles a autoeficácia, autoestima, a continuidade e distintividade. Segundo a autora, a autoeficácia prende-se com as crenças do indivíduo relativamente à sua capacidade de gerir e responder às exigências do meio, sendo que o indivíduo vai procurar agir no sentido de alcançar e manter uma estrutura de identidade caracterizada pela competência e controle sobre as situações de vida. A auto-estima refere-se à avaliação positiva do *self* ou de um grupo de pertença, estando relacionado com o sentimento de valor que é atribuído ao mesmo. O princípio da continuidade constitui um terceiro motivador da ação, segundo o qual o indivíduo procurará agir de modo a manter elementos de estabilidade ao longo do tempo e do espaço. Por último, a distintividade refere-se ao desejo de manter uma singularidade pessoal, onde o indivíduo procura enfatizar sentimentos de diferenciação dos outros (Jaspal & Breakwell, 2014).

Em particular, a TPI propõe mecanismos pelos quais as ameaças à auto-identidade poderiam resultar em resistência à mudança de comportamento. Isto é, incorporados em contextos sociais, os indivíduos prosseguem com os processos de assimilação-acomodação e avaliação. Se algum destes princípios for comprometido, o indivíduo pode sentir a sua identidade ameaçada, posteriormente assumindo estratégias de coping para lidar com os estados indesejáveis.

Assim, a ameaça é entendida como um ataque ou ataque potencial a um ou mais dos princípios da identidade (autoestima, autoeficácia, continuidade ou distintividade). A contribuição crítica da TPI está na sua proposta de que a ameaça invoca processos psicológicos específicos que funcionam como estratégias de enfrentamento (Breakwell, 1986). Uma série de estratégias para lidar com ameaças está potencialmente disponível e as estratégias podem ser categorizadas segundo dois tipos: deflexão ou aceitação. Estratégias de deflexão incluem negação da existência de uma ameaça, reconstrução de seu significado e negativismo ou confronto com a fonte da ameaça. Já as estratégias de aceitação incluem reavaliação de princípios e mudança fundamental da identidade.

Dittmer e Blazejewski (2017) observaram que as pessoas respondem de maneiras diferentes quando enfrentam resistência, por exemplo, tornando-se resilientes e / ou tolerantes à frustração ou melhorando a sua autoestima. Esta última estratégia em específico poderá fortalecer a sua determinação em executar (e transferir) a prática.

Frezza e colaboradores (2019) introduziram novos conceitos importantes para a compreensão do efeito de *spillover* a partir da Teoria das Práticas e da TPI. Frezza e colaboradores (2019) defendem que os estudos de consumo não se devem concentrar em comportamentos específicos, mas em práticas, as quais são importantes para a sustentabilidade porque, por meio das suas atividades diárias (por exemplo, cozinhar e tomar banho), as pessoas consomem recursos constantemente (Spurling et al., 2013). Assim, para o autor, os elementos que constituem as práticas são normalmente divididos em 3 grupos: materiais (por exemplo, objetos, tecnologias, infraestrutura e o próprio corpo), significados (por exemplo, ideias, emoções, aspirações, expectativas e significados simbólicos) e competências (habilidades, know-how, técnicas e conhecimentos), conceitos abordados também por (Reckwitz, 2002; Shove et al., 2012).

Frezza e colaboradores (2019), consideram ainda que o *spillover* entre situações poderá ser melhor compreendido a partir da TPI, que tem o potencial para gerar insights sobre a transformação de rotinas de consumo sustentável. Segundo o autor, a compreensão da identidade pela TPI (a sua estrutura, conteúdo e processo de construção) é essencial para

entender a interdependência de mudanças e ações sociais, bem como para apreender a importância dos efeitos de transferência.

Deste modo, a proposta de Frezza e colaboradores (2019) é adequada para explicar as trajetórias de práticas em diferentes contextos (transferência). Por exemplo, num determinado contexto (no trabalho), um funcionário está envolvido em práticas sustentáveis. O desempenho constante dessas rotinas, sendo incorporado aos significados, materiais e competências disponíveis no ambiente de trabalho, faz com que o indivíduo desenvolva sentimentos de alta autoeficácia e autoestima, que pode procurar manter noutros ambientes – por exemplo em casa – o que implicará a necessidade de continuidade. Neste sentido, o indivíduo precisará de adotar estratégias em casa para manter esses altos níveis dos princípios de identidade que dependerá apenas de como se adaptar às condições e aos elementos disponíveis em casa (materiais, significados e competências).

Estes autores sugerem assim, que, se num contexto as pessoas praticam atividades que envolvem consumo sustentável, isso pode afetar potencialmente a maneira como realizam essas práticas noutro contexto. Isto é, as pessoas realizam práticas no trabalho – lidam com instrumentos e objetos, desenvolvem competências e know-how – através das quais se conformam ou resistem às normas. Nesse sentido, as condições específicas do desempenho da prática num contexto ajudarão a definir a importância das características da identidade.

Relativamente à teoria proposta por Breakwell (1986), este trabalho vai incidir principalmente sobre os quatro princípios identitários (autoestima, autoeficácia, continuidade e distintividade) e o seu papel na transferência de comportamentos entre contextos.

Segundo Verfuert e colaboradores (2019) existe uma relação entre a identidade ecológica e os princípios identitários. Quando um indivíduo recebe informações sobre uma atividade ecológica, se essas informações forem consideradas adequadas aos quatro princípios orientadores principais, elas provavelmente serão absorvidas/assimiladas e irão fortalecer a importância da sua identidade ecológica – levando a uma integração total da identidade. Essa hipótese é consistente com pesquisas anteriores que mostram como o envolvimento em comportamentos pró-ambientais pode fortalecer a autoidentidade ambiental de alguém (Van der Werff et al., 2014) ou servir para tornar a autoidentidade pró-ambiental mais saliente.

No entanto, se as informações que chegam ao indivíduo forem vistas como inconsistentes com os princípios orientadores, a integração da identidade pode não estar garantida. Assim, uma integração malsucedida pode levar à compartimentação de identidades ou ao surgimento de identidades conflitantes, contribuindo para diminuir a centralidade da identidade ecológica de uma pessoa em relação a outras identidades.

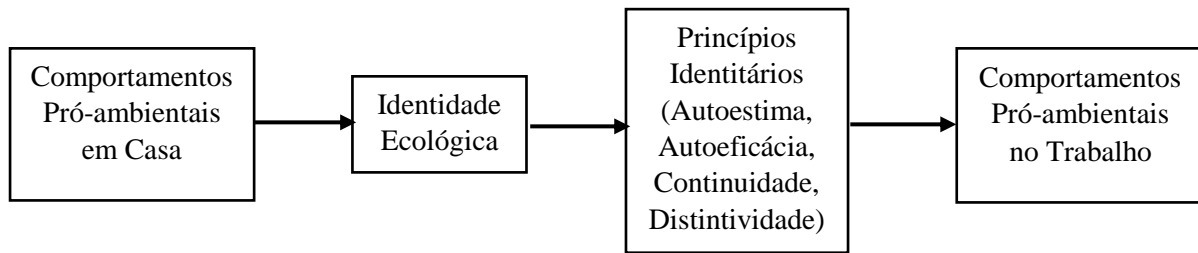
Pode-se concluir que a natureza da integração da identidade terá implicações diretas nos efeitos de transferência. Isto significa que, se a integração da identidade for bem-sucedida, prevê-se que isso aumentará a probabilidade de ocorrência de *spillover* positivo. Como afirmam Whitmarsh e O'Neill (2010), a força da identidade ecológica de uma pessoa é conhecida por ter implicações na probabilidade de um indivíduo se envolver em comportamentos pró-ambientais. Portanto, onde a centralidade da identidade ecológica de uma pessoa é fortalecida, poderá antecipar-se maiores expressões de comportamentos de seguida (já que as pessoas procuram agir de maneira consistente com a identidade para evitar dissonância) e evidências de transferência positiva como resultado. Neste trabalho, examina-se se a centralidade da identidade gera adesão aos comportamentos por ativar os princípios identitários de auto-estima, auto-eficácia, distintividade e continuidade previstos na TPI.

1.6 Objetivos e Hipóteses

A cultura de consumo na qual vivemos cria necessidades cada vez maiores de exploração dos recursos naturais do planeta. O consumo é atualmente fulcral para a existência humana, principalmente para as sociedades mais industrializadas, movimentando a economia. No entanto, é ao mesmo tempo, fonte de uma série de problemas sociais e ambientais, acarretando vários tipos de consequências, tanto a nível macro como micro social.

A prática de comportamentos pró-ambientais revela-se assim importante, bem como a sua transferência entre contextos. No entanto, com base no que foi anteriormente exposto, verifica-se que estão ainda pouco estudados os processos que sustentam ou obstruem o efeito de *spillover* entre contextos, permanecendo assim uma lacuna de investigação sobre os mecanismos que estão por trás desse efeito.

De um modo geral, os objetivos específicos que pretendo atingir neste projeto, passam por compreender a relação entre um mesmo comportamento ambiental em diferentes contextos (casa/trabalho), compreender a contribuição de variáveis psicológicas (identitárias) para a transferência de comportamentos pró-ambientais do contexto doméstico para o contexto laboral, bem como perceber o papel do processo identitário nesta transferência (Figura 1.1).

**Figura 1.1***Modelo Teórico Proposto*

Este modelo tem por base a seguinte questão de investigação: “A identidade ecológica e os processos identitários exercem um efeito mediador na transferência de comportamentos pró-ambientais entre contextos, nomeadamente entre os contextos doméstico e de trabalho?”

Assim, nesta investigação, espera-se observar uma relação de *spillover* positivo entre os dois contextos, remetendo então para as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Espera-se que a adoção de comportamentos pró-ambientais no contexto doméstico preveja a sua transferência (*spillover*) para o contexto laboral;

Hipótese 2: Espera-se que a identidade ecológica e os princípios identitários sejam mediadoras sequenciais do efeito de transferência, ou seja, que com a adoção de comportamentos pró-ambientais haja uma ativação da identidade que ajuda a tornar os CPA mais centrais para o *self* (i.e., aumentando a auto-eficácia, auto-estima, distintividade e continuidade percebidas), o que por sua vez contribui para uma transferência positiva entre os dois contextos.

Capítulo II. Metodologia

2.1. Contexto de Estudo e Amostra

O presente estudo insere-se num projeto mais alargado que tem como objetivo perceber como num contexto universitário se pode fomentar ou consolidar comportamentos pró-ambientais entre alunos/as e funcionários/as. A universidade onde foram recolhidos os dados possui certificação ambiental. A mesma reconhece a sua responsabilidade institucional na promoção da Sustentabilidade nas várias dimensões, em alinhamento com os objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas.

Esta universidade, segundo dados de 2018, tem na sua composição várias unidades orgânicas descentralizadas: 4 Escolas, 16 Departamentos e 8 Unidades de Investigação, tendo inscritos cerca de 10 mil estudantes em programas de graduação (44%) e pós-graduação (56%) e onde trabalham 390 docentes (ETI), 389 investigadores afetos a I&D a 100% e 274 funcionários não docentes.

Para a constituição da amostra, foi tido como principal critério o vínculo com a instituição, ou seja, os participantes teriam de ser estudantes, docentes ou funcionários da instituição.

A amostra total é então constituída por 497 participantes (Quadro 2.1). Quanto ao género dos participantes, é de referir que 343 (69%) eram do sexo feminino, 143 (28.8%) do sexo masculino, e os restantes 11 participantes (2.2%) preferiram não responder.

Os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e 64 anos, tendo uma média de idades de 30.7 anos ($DP=12.16$).

Em relação à nacionalidade, 456 participantes (91.8%) eram de nacionalidade portuguesa, enquanto 35 participantes (7%) eram de outras nacionalidades.

Quanto às habilitações académicas completas, 32.8% dos participantes tinham entre o 10º e 12º ano; 25.4% eram licenciados; 18.1% tinham concluído o mestrado; 7.6% tinham concluído uma pós-graduação; 15.3% tinham concluído o doutoramento e 0.6% completaram o 9º ano, contando apenas com uma não resposta.

Quadro 2.1.

Características da Amostra

TRANSFERÊNCIA DE COMPORTAMENTOS PRÓ-AMBIENTAIS ENTRE CONTEXTOS

Variáveis	Frequência (N)	Porcentagem (%) / Média e Desvio-Padrão
Gênero	Feminino: 343	Feminino: 69%
	Masculino: 143	Masculino: 28.8%
	NR: 11	NR: 2.2%
	Total: 497	
Idade	Mínimo: 18	<i>M</i> =30.7
	Máximo: 64	<i>DP</i> =12.16
	Total: 483	Total: 97.2%
Nacionalidade	Portuguesa: 456	Portuguesa: 91.8%
	Outra: 35	Outra: 7%
	Total: 491	Total: 98.8%
Escolaridade	Até 9º ano: 3	Até 9º ano: 0.6%
	10º-12º: 163	10º-12º: 32.8%
	Licenciatura: 126	Licenciatura: 25.4%
	Pós-graduação: 38	Pós-graduação: 7.6%
	Mestrado: 90	Mestrado: 18.1%
	Doutoramento: 76	Doutoramento: 15.3%
Total: 496	Total: 99.8%	
Vínculo	Estudante: 355	Estudante: 71.4%
	Funcionário: 53	Funcionário: 10.7%
	Docente: 89	Docente: 17.9%
	Total: 497	Total: 100%
Antiguidade	Mínimo: 3 meses	<i>M</i> =5.06
	Máximo: 39 anos	<i>DP</i> =7.02
	Total: 497	Total: 100%

No que diz respeito ao vínculo dos participantes à instituição, observou-se que 355 (71.4%) eram estudantes, 53 (10.7%) eram funcionários e 89 (17.9%) eram docentes/investigadores.

Relativamente à antiguidade na organização, esta situou-se entre os 3 meses e os 39 anos, ($M=5.06$ anos, $DP=7.02$).

2.2. Procedimento

Para esta dissertação foi desenvolvido um estudo correlacional, baseado na aplicação de um questionário construído com recurso à plataforma *Qualtrics*. O *link* de acesso ao questionário foi partilhado para divulgação *online* através das redes sociais (*facebook*, *instagram*), do email institucional da universidade, tanto para o grupo dos estudantes como para o grupo de docentes e funcionários.

No sentido de angariar mais participantes e de haver uma maior adesão destes ao questionário, este foi partilhado não só *online*, mas também presencialmente, junto da comunidade da universidade. Para este fim, foram elaborados vários panfletos em português e inglês, com um *QR code* e com um *link*, que foram posteriormente distribuídos em locais com maior concentração de alunos, pelos cacifos, gabinetes e salas de professores, investigadores e funcionários dos vários edifícios da universidade.

Durante o processo de recolha de dados adotou-se ainda a estratégia de se realizarem pequenos posters com uma explicação do estudo e o respetivo *QR code* e posteriormente serem afixados em placares em vários pontos da instituição, sendo também um método para facilitar a visualização do estudo por parte dos estudantes e docentes. Este processo de distribuição do questionário *online* e presencial na universidade realizou-se durante fevereiro e março de 2020, antes da entrada em vigor do primeiro estado de emergência em Portugal devido à pandemia de SARS COV 2.

Na primeira parte do questionário, foi apresentado um consentimento informado aos participantes (Anexo A), onde se explicou no que consistia o estudo, a sua duração e que a sua participação era voluntária e ao abrigo do anonimato e sigilo profissional. Salientou-se também que os dados obtidos iriam apenas ser usados neste projeto de investigação, não tendo qualquer outro fim. Foi ainda colocada a questão sobre a concordância na participação, em que respostas negativas (“não aceito participar”) eram remetidas automaticamente para a página final do inquérito.

Após a aplicação do instrumento, os dados foram introduzidos no programa SPSS, versão 25 para o Windows, para se proceder, posteriormente, ao tratamento e análise estatísticos.

2.3. Instrumento

Para a análise das hipóteses formuladas foi utilizado como instrumento um questionário para averiguar a capacidade dos participantes de desempenharem comportamentos pró-ambientais em ambos os contextos, utilizando para isso, algumas escalas já usadas em investigações anteriores.

Relativamente ao questionário, este continha também algumas questões sociodemográficas, mais especificamente relativas ao género dos participantes, idade, nível de escolaridade, nacionalidade, vínculo com a instituição e antiguidade na instituição.

Como todas as medidas utilizadas foram autorrelatadas, o impacto do viés do método comum foi uma preocupação. Foram tidos, assim, em atenção alguns cuidados para prevenir os erros do método comum, tendo sido seguidas as recomendações para garantir que este fosse eliminado ou minimizado segundo Podsakoff e colaboradores (2003). Para tal foram usados diferentes formatos de escala em algumas medidas, o que reduz os desvios de método causados por pontos em comum nos pontos finais da escala e nos efeitos de ancoragem. Segundo Tourangeau e colaboradores (2000) também é possível reduzir os vieses do método através da construção cuidadosa dos próprios itens do questionário, procedimento que foi também adotado neste estudo, com a inversão de alguns itens. Foi ainda feita uma análise fatorial exploratória para confirmar a discriminação entre as medidas (Anexo F).

2.3.1. Transferência de Comportamentos

No questionário foi apresentado também um conjunto de questões sobre o processo de transferência, sendo pedido aos participantes que indicassem se os comportamentos de reciclagem, poupança de energia e redução de descartáveis eram comportamentos que tinham começado em casa ou na universidade ou se não faziam parte da rotina destes. Para este conjunto de questões foi desenvolvida uma escala com base em Uzzell e Rathzel (2018) e Frezza e colaboradores (2019) com três itens, sendo que cada um deles tinha como resposta as seguintes opções: "Comecei a fazer em casa e agora faço também na universidade", "Comecei a fazer na universidade e agora faço também em casa", "Só faz parte da minha rotina em casa", "Só faz parte da minha rotina na universidade" e "Não faz parte da minha rotina" (Anexo B).

Esta variável foi usada como critério de inclusão para definir a amostra deste estudo, de um total de 630 participantes. Em relação à reciclagem 78.9% respondeu que os comportamentos começaram em casa e eram transferidos depois para a universidade, 3.8% dos participantes

respondeu que os comportamentos começaram na universidade e depois continuaram em casa, 4.4% respondeu que só fazia parte da sua rotina em casa, 8.7% respondeu que só fazia parte da rotina na universidade e 3.8% respondeu que não fazia parte da rotina. Para efeitos de análise do modelo, foram então selecionados os 497 participantes que referiram ter iniciado a sua prática de reciclagem primeiro em casa e depois ter transferido para a universidade.

2.3.2. Comportamentos Pró-Ambientais (Variável Preditora e Critério)

Quanto aos comportamentos pró-ambientais, foi utilizada uma escala de sete itens adaptada de Robertson e Barling (2013) e Greaves et al. (2013), referindo-se a comportamentos que os participantes tinham tanto em casa como na universidade. Faziam parte, então, as seguintes expressões: Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos, no último mês na universidade/casa – “Apaguei as luzes quando fui a última pessoa a sair de uma divisão”, “Desliguei os equipamentos após ter terminado de usá-los nesse dia”, “Consumi água engarrafada”(a inverter), “Comprei produtos em embalagens descartáveis”(a inverter), “Separei o plástico para a reciclagem”, “Separei o papel para a reciclagem”, “Separei o vidro para a reciclagem”. Para esta variável foi utilizada uma escala Tipo *Likert*, em que 1=Nunca e em que 5=Sempre (Anexo C).

Para a análise do modelo vão apenas ser usados os três itens referentes aos comportamentos de reciclagem, porque foram os itens que apresentaram melhor fiabilidade.

Utilizando apenas os itens referentes à reciclagem, foi criado um indicador compósito referente aos comportamentos em casa ($\alpha=.91$, $M=4.65$, $DP=.75$). O mesmo procedimento foi aplicado para a construção do indicador compósito referente aos comportamentos na universidade ($\alpha=.81$, $M=4.61$, $DP=.68$).

2.3.3. Identidade Ecológica (Mediadora 1)

Para a variável da identidade ecológica foi utilizada a escala de Withmarsh e colaboradores (2018), com três itens: “Gosto de pensar em mim como sendo alguém com preocupações ecológicas”, “Agir de modo "amigo do ambiente" é uma parte importante de quem sou” e “Gosto de sentir que contribuo pessoalmente para a proteção do ambiente”. Esta variável foi medida com uma escala de resposta de Tipo *Likert* em que 1=Discordo Totalmente e em que 5=Concordo totalmente (Anexo D).

Foi então criado um índice compósito que agregou as respostas a estes itens ($\alpha=.89$, $M=4.31$, $DP=.66$).

2.3.4. Princípios Identitários (Mediadora 2)

Para a variável princípios identitários (autoeficácia, autoestima, continuidade e distintividade) foi utilizada a escala adaptada de Murtaugh e Uzzell (2012), com quatro itens. A escala de resposta era do tipo diferenciador semântico, e variou entre 1 e 5, correspondendo o número 1 às expressões: Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que “Diminui o valor que atribuo a mim próprio/a”, “Me faz sentir uma pessoa menos competente”, “Me faz sentir que não tenho que mudar quem sou” (item a inverter) e “Me faz sentir menos único/a como pessoa” e o número 5 às expressões: “Aumenta o valor que atribuo a mim próprio/a”, “Me faz sentir uma pessoa mais competente”, “Me faz sentir que tenho de mudar quem sou” (item a inverter) e “Me faz sentir mais único/a como pessoa” (Anexo E).

O item relativo ao princípio da continuidade não apresentou boas qualidades métricas, por isso foi criado um indicador compósito que agregou as respostas dos restantes três itens ($\alpha=.68$, $M=4.16$, $DP=.67$)

Capítulo III. Resultados

3.1. Análise Descritiva

Na primeira fase de análise de dados, foram analisadas as médias e desvios padrão das variáveis compósitas em estudo (Quadro 3.1). No geral, as quatro variáveis têm médias semelhantes, acima do ponto médio da escala, e os DPs são relativamente pequenos, pelo que os participantes têm posições relativamente semelhantes entre si.

De entre as quatro variáveis em estudo, os comportamentos pró-ambientais em casa apresentaram a média e desvio padrão mais altos ($M=4.65$, $DP=.76$), o que significa que os participantes reportaram ter comportamentos de reciclagem na sua casa com muita frequência. Como já referido, para os comportamentos pró-ambientais no trabalho, obteve-se uma média semelhante à dos comportamentos em casa ($M=4.61$, $DP=.68$).

Para a variável compósita da identidade ecológica encontrou-se uma média de 4.31 e desvio padrão de .67, ($M=4.31$, $DP=.67$), o que significa que os participantes expressaram uma identidade ecológica forte.

Os princípios identitários obtiveram a média um pouco mais baixa, mas ainda assim elevada, e desvio padrão moderado ($M=4.16$, $DP=.68$), o que sugere que os participantes concordaram com a importância dos comportamentos pro-ambientais para a sua auto-estima, auto-eficácia e distintividade.

3.2. Análise Bivariada: Correlações

Antes de se proceder à avaliação do modelo do estudo, foi feita uma análise às correlações existentes entre os fatores obtidos. A análise foi feita através da observação dos resultados do teste não paramétrico de Spearman, uma vez que algumas variáveis eram dicotómicas. No Quadro 3.1 abaixo apresentado, apresentam-se para cada uma das variáveis as associações lineares resultantes da matriz de correlação de Spearman.

Os resultados mostram que os comportamentos pró-ambientais em casa e os comportamentos pró-ambientais no trabalho ($\rho = .47$, $p = .000$), apresentaram uma correlação linear positiva moderada, indicando que um maior reporte de CPA em casa está associado a um maior reporte de CPA no trabalho. Os princípios identitários e a identidade ecológica ($\rho = .50$,

$p=.000$), apresentam também uma correlação positiva moderada. Pode ainda verificar-se que a identidade ecológica apresenta uma correlação com os comportamentos pró-ambientais em casa e no trabalho ($rho=.25, p=.000$ e $rho=.23, p=.000$, respetivamente).

Quadro 3.1

Estatísticas Descritivas, Consistência Interna e Correlações entre as Variáveis do Estudo.

Variáveis	M	DP	Correlação de Spearman			
			1	2	3	4
1.Comp. Trabalho	4.61	.68	$\alpha=.80$			
2.Comp. Casa	4.65	.76	.47**	$\alpha=.91$		
3.Identidade Ecológica	4.31	.67	.23**	.25**	$\alpha=.89$	
4.Princípios Identitários	4.16	.68	.23**	.13**	.50**	$\alpha=.68$
5. Idade	30.7	12.16	.03	.19**	.09*	-.00
6.Nacionalidade	-	-	.01	-.05	0,05	.07
7.Género	-	-	.07	.02	0,05	.11*
8.Vínculo	-	-	.01	.17**	0,07	-.05
9.Antiguidade	5.06	7.02	-.02	.17**	-.01	-.09*

Notas: * $p<.05$ ** $p<.01$

Género: 1=Feminino, 2=Masculino; Nacionalidade: 1=Portuguesa, 2=Outra; Vínculo: 1=Estudante, 2=Funcionário

Não se verificou nenhuma correlação significativa entre o comportamento pró-ambiental no trabalho e as socio-demográficas examinadas, pelo que estas variáveis não serão incluídas nas análises subsequentes de teste do modelo.

Observa-se que existe uma correlação significativa da idade com os comportamentos em casa ($rho=.19, p=.000$), isto é, quanto maior a idade mais comportamentos pró-ambientais os participantes reportam ter no contexto doméstico. O mesmo se observa para a idade e a identidade ecológica, encontrando-se uma correlação positiva, embora fraca ($rho=.09, p=.05$), que indica que quanto maior a idade, mais forte a identidade ecológica do indivíduo.

Verifica-se ainda que a nacionalidade não tem correlações significativas com nenhuma das outras variáveis. A antiguidade na organização apresenta uma correlação negativa com os princípios identitários ($r_{ho}=-.09$, $p=.05$), indicando que quem estava há mais tempo na organização declarou níveis de autoestima, distintividade e auto-eficácia relativamente a ter comportamentos pró-ambientais menores do que quem estava há menos tempo.

3.3. Teste das Hipóteses: Modelo de Mediação

Para se averiguar o papel da identidade ecológica e dos princípios identitários como possíveis variáveis mediadoras da relação entre os comportamentos pró-ambientais em casa e os comportamentos pró-ambientais no trabalho, utilizou-se a Macro PROCESS 3.1 para SPSS, produzida e documentada por Hayes (2013). Este programa permitiu obter, através da análise da mediação sequencial (modelo 6, Hayes, 2013), os resultados expostos nos Quadros 3.2 e 3.3.

Os testes mostraram, como se pode observar, que o efeito total é significativo ($B=.38$, $p=.000$), o que apoia a Hipótese 1 de que a adoção de comportamentos pró-ambientais no contexto doméstico prevê a sua transferência para o contexto laboral.

O efeito direto dos comportamentos pró-ambientais em casa nos comportamentos pró-ambientais no trabalho mantém-se significativo quando consideradas as duas mediadoras no modelo estatístico embora haja uma ligeira redução no valor do coeficiente ($B =.35$, $p =.000$), o que sugere a existência de uma mediação parcial.

Na inferência dos efeitos indiretos, foram analisadas as estimativas junto com os intervalos de confiança (*ICBoot*) a 95%, representados no Quadro 3.3, sendo possível verificar que o efeito indireto 3, que pressupõe que o efeito dos CPAs em casa nos CPAs no trabalho ocorre sequencialmente via identidade ambiental e processos identitários, é significativo]0.00, 0.02[, o que apoia a ocorrência de uma mediação sequencial como previsto na Hipótese 2. De referir que apenas a mediação sequencial é significativa e não as mediações simples, que consideram apenas a identidade ambiental ou os processos identitários como mediadoras. O modelo completo, com as duas mediadoras, explica 21% da variância da separação de resíduos reportada para o contexto de trabalho.

Quadro 3.2

Coefficientes e Informações de Resumo para o Modelo de Mediação Sequencial.

	Critério					
	M1 (Identidade)		M2 (Princípios Identitários)		Y (CPA trabalho)	
Efeito total	<i>Coef</i>	<i>SE</i>	<i>Coef</i>	<i>SE</i>	<i>Coef</i>	<i>SE</i>
X (CPA Casa)	-	-	-	-	.38	.04
Constante	-	-	-	-	2.86	.17
Efeito direto						
X (CPA Casa)	.19***	.04	-.02	.04	.35***	.04
M1 (Identidade)	-	-	.49***	.04	.11*	.05
M2 (Princípios Identitários)	-	-	-	-	.12**	.04
Constante	3.42***	.18	2.12***	.22	2.03***	.24
	$R^2=.05$		$R^2=.23$		$R^2=.21$	
	$F(1,495)=24.39$		$F(2,494)=74.74$		$F(3,493)=44.75$	
	$p=.000$		$p=.000$		$p=.000$	

*Notas: * $p<.05$; ** $p<.01$; *** $p<.000$*

Quadro 3.3

Efeitos Indiretos

Efeitos Indiretos	Estimativa	Intervalo de confiança (95%)
--------------------------	-------------------	-------------------------------------

TRANSFERÊNCIA DE COMPORTAMENTOS PRÓ-AMBIENTAIS ENTRE CONTEXTOS

Ind1: X (CPA Casa) -> M1 (Identidade) -> Y (CPA trabalho)	.02	(-0.00; 0.06)
Ind2: X (CPA Casa) -> M2 (Princípios Identitários) -> Y (CPA trabalho)	.00	(-0.01; 0.01)
Ind3: X (CPA Casa) -> M1 (Identidade) -> M2 (Princípios Identitários) -> Y (CPA trabalho)	.01	(0.00; 0.02)

Capítulo IV. Discussão

A presente dissertação teve como objetivo compreender o efeito de transferência de comportamentos pró-ambientais entre o contexto doméstico e o contexto laboral/universitário, examinando se a identidade ambiental e os processos identitários têm um papel mediador na transferência de comportamentos pró-ambientais entre os dois contextos. Para a concretização do objetivo desta dissertação, foi então realizado um estudo correlacional, junto de membros da comunidade de uma instituição de ensino superior.

Na presente amostra, o nível de adesão aos comportamentos de reciclagem foi muito próximo nos dois contextos, embora no contexto doméstico tenha havido um ligeiro maior reporte destes comportamentos, indicando que no contexto laboral possa existir mais obstáculos que impeçam um maior desempenho destes comportamentos por parte dos participantes. De acordo com a primeira hipótese de trabalho, esperava-se que a adoção de comportamentos pró-ambientais no contexto doméstico levasse à sua transferência para o contexto laboral/universitário. Os resultados das análises estatísticas realizadas confirmam a ocorrência de um efeito positivo entre os comportamentos de reciclagem nos dois contextos inferindo-se, então, que os comportamentos de reciclagem começam em casa e de seguida os participantes começam a desempenhar os mesmos no trabalho. Isto pode ser explicado, como propõem Littleford e colaboradores (2014), pelo facto de que mesmo que no contexto doméstico os indivíduos não tenham muita autonomia, é mais provável que tenham mais controle sobre o seu comportamento nesse contexto, onde são apoiados por amigos e familiares que os levam a envolver-se em comportamentos sustentáveis, do que noutros. Também o facto de a universidade em questão ter apenas recentemente disponibilizado contentores próprios para a reciclagem poderá explicar o porquê de os participantes começarem por realizar comportamentos em casa e só posteriormente na universidade.

Em relação à segunda hipótese de trabalho esperava-se que a identidade ecológica e os princípios identitários fossem mediadoras sequenciais da transferência de comportamentos, havendo um reforço identitário que tornasse os CPAs mais centrais para o *self*, aumentando a auto-eficácia, auto-estima, distintividade e continuidade percebidas, levando por sua vez a uma transferência positiva entre os dois contextos. Os resultados encontrados mostraram que esta hipótese se confirma e que a identidade ecológica e os princípios identitários são mediadoras sequenciais que influenciam a transferência de comportamentos entre os dois contextos. Isto significa que o desempenho de comportamentos pró-ambientais em casa levou a uma ativação

da identidade ecológica, que por sua vez reforçou os princípios identitários, levando a sentimentos de maior autoestima e autoeficácia, que depois os participantes procuram manter no ambiente de trabalho, desempenhando os mesmos comportamentos.

Podemos então concluir que a teoria do processo identitário é um dos processos que está subjacente ao efeito de *spillover*, sendo possível compreender de forma mais clara este efeito à luz do processo de identidade. Ou seja, neste estudo foi possível verificar as mudanças que ocorrem na identidade dos indivíduos em resposta à “ameaça” que estes experimentam quando as informações que lhes chegam não são compatíveis com os princípios identitários desejáveis e que, com essas mudanças, esses indivíduos conseguem lidar com a ameaça da sua identidade, adotando estratégias para manter os mesmos comportamentos num segundo contexto. Este resultado ajuda a compreender que a identidade ecológica por si só, como evidenciado em alguns estudos (Cornelissen et al., 2008; Van der Werff et al., 2013, 2014), pode não ser suficiente para que haja uma transferência entre contextos.

Como limitações do estudo pode apontar-se o facto de se ter verificado durante os resultados que apenas os itens referentes à reciclagem apresentavam boa fiabilidade, tendo acabado por se excluir os restantes comportamentos de poupança de energia e redução de descartáveis sem ser possível compreender como se posicionavam os participantes em relação a estes. A amostra utilizada no estudo pode também tornar-se uma limitação na medida em que contém um maior número de estudantes, não se tendo uma quantidade representativa de funcionários e investigadores da organização. Em relação ao procedimento deste estudo, a análise fatorial exploratória permitiu verificar que um dos itens da escala dos princípios identitários não obteve o resultado esperado, tendo sido retirado.

Em relação ao desenho do estudo, o uso de um questionário teve várias vantagens, como o facto de as respostas estarem menos sujeitas a enviesamentos e interpretações duvidosas, fácil operacionalização, pois é mais simples autonomizar o processo de aplicação, análise e tratamento de dados. No entanto, muito do trabalho realizado nesta área tem sido de natureza correlacional o que torna um pouco difícil fazer inferências causais sobre o efeito de um comportamento sobre outro. Assim, o cruzamento de metodologias qualitativas e quantitativas poderia ser tido em consideração, para enriquecer o estudo. Especificamente, a realização de entrevistas de modo a investigar o papel causal dos processos psicológicos subjacentes, poderá ajudar a fornecer “pistas”, alcançando assim uma compreensão mais abrangente dos efeitos de transferência.

Embora tenham sido incluídas as variáveis que se achou serem mais influentes para o efeito de *spillover*, outras variáveis poderão influenciar o processo de transferência entre contextos, por exemplo, a dinâmica social própria do contexto (apoio de amigos e familiares). Seria interessante ainda observar se, para o grupo de participantes que apenas desempenha comportamentos num dos contextos, se isto se deve a uma questão financeira ou outra qualquer barreira. Espera-se que futuros estudos possam examinar essas variáveis e outros moderadores potenciais para determinar os processos que levam ao efeito de *spillover*.

É importante também referir que a amostra selecionada neste estudo excluiu uma parte dos participantes (13,1%) que desempenhava apenas os comportamentos num dos contextos, não existindo a transferência casa-trabalho. Assim, e tal como referido anteriormente, alguns estudos analisam o *spillover* negativo, ou seja em como um comportamento sustentável inicial pode levar a outros comportamentos menos sustentáveis, podendo então, dar origem a um efeito de licenciamento moral. Neste estudo, o facto de alguns participantes afirmarem não fazer transferência de comportamentos entre contextos, pode dever-se à existência do efeito de licenciamento moral. Segundo Merritt e colaboradores (2010), define-se licenciamento moral quando o desempenho de um comportamento inicial moralmente virtuoso cria a percepção de direito moral a um comportamento subsequente autoindulgente ou moralmente questionável.

O efeito de licenciamento aqui ocorrido compara-se ao estudo de outros autores que têm analisado os *spillovers* potenciais das políticas implementadas por exemplo no Brasil, para reduzir o uso de sacos de plástico principalmente em supermercados, em relação a outros comportamentos pró-ambientais (Thomas et al., 2016). Estas políticas atuam como um *spillover* de promoção que permite que os indivíduos criem e irradiem uma imagem que os façam sentir-se bem em relação a si mesmos e os levem a desempenhar ações posteriores consistentes com o comportamento inicial. Isto é, os indivíduos que estariam preocupados com o meio ambiente, procurando consistência comportamental, encontrariam nesta prática uma maneira de reafirmar a sua coerência e envolverem-se em mais atitudes pró-ambientais, exibindo os seus “sacos reutilizáveis e verdes”. No entanto grande parte da população não conseguiu atribuir um vínculo entre o custo do saco de plástico e o meio ambiente. Verificou-se que o custo adicional do saco não teve um efeito significativo nos comportamentos ambientais subsequentes dos indivíduos, levando a que uma grande parte deles interpretasse basicamente esta política como uma estratégia de preços, sem qualquer associação saliente com um comportamento pró-ambiental (Dolan & Galizzi, 2015). Em comparação com esta política, os participantes neste estudo ao desempenharem comportamentos de reciclagem num dos contextos podem sentir que já fizeram a sua parte, não tendo nenhuma obrigação de adotarem

esses comportamentos noutra contexto. Em alternativa pode ter a ver com o facto de os participantes percecionarem que têm menos capacidade de desempenharem comportamentos de reciclagem num segundo contexto, por exemplo devido a disponibilidade de recursos ou disponibilidade financeira.

Em suma, a forma desarmónica como as sociedades contemporâneas se relacionam com o meio ambiente, vem produzindo uma série de impactos socioambientais que atinge cada vez mais a capacidade que o ambiente tem de suportar as intervenções. Este fator tem vindo a agudizar os problemas ambientais locais, assim como também a magnitude da capacidade produtiva e a extensão do consumo de recursos naturais e energéticos da sociedade industrial, bem como a não priorização da preservação das relações em equilíbrio do meio ambiente. Segundo Corral-Verdugo (2001), a Psicologia Ambiental poderia contribuir de várias formas no sentido de levar as pessoas a desenvolverem comportamentos pró-ambientais, conscientizando-as do seu papel social e das repercussões das suas ações no meio ambiente.

Concluindo, os efeitos de transferência provam ser uma nova maneira de aumentar a mudança comportamental e podem ser úteis em tentativas persuasivas de promover comportamentos pró-ambientais. As implicações teóricas deste estudo remetem para o facto de a teoria de Breakwell ser muito importante para o estudo dos comportamentos pró-ambientais e contribuir para aumentar o conhecimento sobre como esses comportamentos são transferidos de um contexto para outro (*efeito de spillover*).

Como implicações práticas, refere-se o facto de a organização ter um papel fundamental na dinamização do tema do desenvolvimento sustentável. A partir dos resultados obtidos, a organização poderá implementar estratégias para incentivar os indivíduos a envolverem-se em mais comportamentos pró-ambientais. Isto é, estratégias que impliquem o reforço da percepção de autoestima antes de estes receberem informações ameaçadoras (que ponham em causa o ambiente), o que vai diminuir o processamento defensivo, sendo um bom meio de aumentar a probabilidade de responderem de forma adequada.

4.1 Conclusão

Concluindo, a mudança comportamental, a nível geral, ainda ocorre a um nível insuficiente, existindo ainda muitas intervenções que poderão ser feitas para minimizar o impacto desta problemática, segundo Gifford (2014). Torna-se, assim, importante implementar estratégias, de forma a alterar a mudança comportamental dos indivíduos, sendo necessário, em primeiro lugar, que se mudem em massa as “mentalidades” em relação ao tema da sustentabilidade, no que toca ao esforço individual de cada um para praticar ainda mais comportamentos pró-ambientais.

Desta forma, e a fim de contribuir, não só para a compreensão do efeito de transferência, mas também para se compreender as razões dos participantes investirem em comportamentos pró-ambientais, propôs-se estudar algumas variáveis que pudessem ajudar na implementação de novas intervenções.

Verificou-se que a maioria dos participantes desta amostra apresentaram um bom nível de adesão aos comportamentos de reciclagem tanto em casa como no trabalho, começando estes em casa. Isto, significa que cada vez mais alunos e docentes, investigadores e *staff* de apoio técnico-administrativo pertencentes a esta instituição se preocupam com o impacto das suas ações no ambiente, no que toca à reciclagem. Isto pode querer dizer que a universidade onde foi aplicado o estudo poderá ter um papel fundamental nas alterações comportamentais, tanto de estudantes como de funcionários, ajudando a gerar mentes críticas e inquiridoras, por um lado, e por outro, trazendo para o seio dos programas universitários a problemática ambiental.

As organizações, como apontado em vários estudos, (Barquero, 2001; Munasinghe, 2002) são os atores principais da construção do desenvolvimento sustentável, dado que são elas as responsáveis pela transformação dos recursos em produtos e serviços, causando impactos ambientais importantes. Assim, as organizações devem mitigar a sua pegada ecológica, criar e implementar soluções para combater a degradação ambiental e as desigualdades económicas e sociais, contribuindo assim ativamente para padrões de desenvolvimento alinhados com o desenvolvimento sustentável nos seus vários pilares, (justiça social, proteção ambiental e eficiência económica). Conclui-se, então, que as atividades implementadas pela universidade assentam numa visão ecocêntrica, dado que, esta busca a criação de um desenvolvimento sustentável gerando qualidade de vida para todos os seus stakeholders organizacionais. Portanto, no seu todo, a universidade garante um bom desempenho ambiental que possibilita a ação e troca de experiências entre os seus membros.

Referências Bibliográficas

- Abrahamse, W., Rothengatter, T., Steg, L., & Vlek, C. (2005). A review of intervention studies aimed at household energy conservation. *Journal of Environmental Psychology*, 25(3), 273-291. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.08.002>
- Alves, M., & Bassani, M. A. (2008). A Psicologia ambiental como área de investigação da inter-relação pessoa-ambiente. In: IX Encontro de Pesquisadores e II Congresso de Iniciação Científica do Uni-FACEF. Anais.
- Anable, J., & Gatersleben, B. (2005). All work and no play? the role of instrumental and affective factors in work and leisure journeys by different travel modes. *Transportation Research Part A: Policy and Practice*, 39(2-3), 163-181. <http://doi.org/10.1016/j.tra.2004.09.008>
- Andersson, M., Eriksson, O., & Von Borgstede, C. (2012). The effects of environmental management systems on source separation in the work and home settings. *Sustainability*, 4(6), 1292-1308. <http://doi.org/10.3390/su4061292>
- Angouri, J. (2016). “Studying Identity”. In Z. Hua (Ed.), *Research Methods in Intercultural Communication. A Practical Guide* (pp. 37-52). Wiley.
- Barquero, A. V. (2001). Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização. Fundação de economia e estatística.
- Barr, S. (2007). Factors influencing environmental attitudes and behaviors: a UK study of household waste management. *Environment and Behavior*, 39(4), 435-473. <http://doi.org/10.1177/0013916505283421>
- Barr, S., Coles, T., Prillwitz, J., & Shaw, G. (2010). ‘A holiday is a holiday’: practicing sustainability, home and away. *Journal of Transport Geography*, 18, 474-481. <http://doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2009.08.007>
- Beer, S. (Ed.). (1985). *Diagnosing The System For Organizations*. John Wiley & Sons.
- Baum, A., Bell, P. A., Fisher, J. D., & Greene, T. C. (Eds.). (2001). *Environmental psychology*. Thomsom.
- Boiral, O. (2007). Corporate Greening through ISO 14001: a rational myth? *Organization Science*, 18(1), 127-146. <http://doi.org/10.1287/orsc.1060.0224>
- Bostrom, M., Jönsson, A. M., Lockie, S., Mol, A. P. J., & Oosterveer, P. (2015). Sustainable and responsible supply chain governance: challenges and opportunities. *Journal of Cleaner Production*, 107, 1-7. <http://doi.org/10.1016/j.jclepro.2014.11.050>
- Breakwell, G. M. (Ed.). (1986). *Coping with Threatened Identity*. Methuen.
- Breakwell, G. M. (Ed.). (1988). Strategies adopted when identity is threatened. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 1, 189-203.
- Breakwell, G. M. (1993). Social Representations and Social Identity. *Papers on Social Representations*, 2(3), 1-217. <http://doi.org/10.1017/CBO9781139136983.010>
- Breakwell, G. M. (2010). “Resisting Representations and Identity Processes.” *Papers on Social Representations*, 19, 6.1-6.11. https://purehost.bath.ac.uk/ws/portalfiles/portal/310607/PSR_19_06Breakwell.pdf
- Carter, N., & Ockwell, D. (2008). *New labour, new environment? An analysis of the labour government’s policy on climate change and biodiversity loss*. Centre for Ecology Law & Policy (CELP), University of York.
- Clayton, S., & Opatow, S. (2003). Introduction: Identity and the natural environment. In S. Clayton & S. Opatow (Eds.), *Identity and the natural environment: The psychological significance of nature* (pp. 1-24). MIT Press

- Cornelissen, G., Dewitte, S., Pandelaere, M., & Warlop, L. (2008). Positive cueing: promoting sustainable consumer behavior by cueing common environmental behaviors as environmental. *International Journal of Research in Marketing*, 25(1), 46–55. <http://doi.org/10.1016/j.ijresmar.2007.06.002>
- Corral-Verdugo, V. (2001). Comportamiento proambiental. *Una introducción al estudio de las conductas protectoras del ambiente*. Resma.
- Corral-Verdugo, V., González-Lomelí, D., & Valera-Romero, C. (2004). O papel da psicologia ambiental na promoção de competência pró-ambiental. In E. T. O. Tassara, E. P. Rabinovich, & M. C. Guedes (Eds.), *Psicologia e Ambiente* (pp. 41-47). Educ.
- Cox, A., Darnton, A., Foley, B., Gloster, R., & Higgins, T. (2012). The Impact of Workplace Initiatives on Low Carbon Behaviours. *Scottish Government Social Research*. <http://www.scotland.gov.uk/Resource/0039/00390309.pdf>
- Cronick, K., Sanchez, E., & Wiesenfeld, E. (2002). La Investigación Acción Participativa como enfoque participativo para abordar temas ambientales. Instituto de Psicología, Universidad Central de Venezuela.
- Dias, S. (2009). Consumo e Meio Ambiente: uma modelagem do comportamento para reciclagem a partir das teorias cognitivo-comportamentais. Tese de doutoramento em Administração de Empresas. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas.
- Dittmer, F., & Blazejewski, S. (2017). “Sustainable at Home – Sustainable at Work? The Impact of Proenvironmental Life-work Spillover Effects on Sustainable Intra- or Entrepreneurship.” In K. Nicolopoulou, M. Karatas-Ozkan, F. Janssen, & J. M. Jermier (Eds.), *Sustainable Entrepreneurship and Social Innovation*, (pp. 73–100). Routledge.
- Dolan, P., & Galizzi, M. M. (2015). Like ripples on a pond: behavioral spillovers and their implications for research and policy. *Journal of Economic Psychology*, 47, 1–16. <http://doi.org/10.1016/j.joep.2014.12.003>
- Dwyer, P. C., Maki, A., & Rothman, A. J. (2015). Promoting energy conservation behavior in public settings: the influence of social norms and personal responsibility. *Journal of Environmental Psychology*, 41, 30–34. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.11.002>
- Edwards, J. R., & Rothbard, N. P. (2000). “Mechanisms Linking Work and Family: Clarifying the Relationship between Work and Family Constructs.” *Academy of Management Review* 25, 178–199. <http://doi.org/10.2307/259269>
- Eilam, E. & Trop, T. (2012). “Environmental Attitudes and Environmental Behavior—Which Is the Horse and Which Is the Cart?” [online], *Sustainability*, 4, 2210-2246.
- Espejo, R., Schumann, W., Schwaninger, M., & Billelo, U. (1996). *Organizational Transformation and Learning: a Cybernetic Approach to Management*. Wiley.
- Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. (2009). Disponível em: <https://www.ethos.org.br/>
- Frezza, M., Whitmarsh, L., Schäfer, M., & Schrader, U. (2019). Spillover effects of sustainable consumption: combining identity process theory and theories of practice. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, 15(1), 15–30. <http://doi.org/10.1080/15487733.2019.1567215>
- Gifford, R. (2014). Environmental psychology matters. *Annual review of psychology*, 65, 541-579. <http://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115048>
- Greaves, M., Zibarras, L. D. & Stride, C. (2013). Using the theory of planned behavior to explore environmental behavioral intentions in the workplace. *Journal of Environmental Psychology*, 34, 109-120. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.02.003>
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E., & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis*. Fifth Edition. Prentice Hall.
- Hartley, B. L., Pahl, S., Veiga, J., Vlachogianni, T., Vasconcelos, L., Maes, T., et al., (2018). Exploring public views on marine litter in Europe: perceived causes, consequences and

- pathways to change. *Marine Pollution Bulletin*, 133, 945–955.
<http://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2018.05.061>
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis: A Regression-Based Approach*. Guilford Press.
- Hottenrott, H., Rexhäuser, S., & Veugelers, R. (2016). Organisational change and the productivity effects of green technology adoption. *Dice Discussion Paper*, 206(1), 3-41.
<https://ideas.repec.org/s/zbw/dicedp/206.html>
- Howell, R. A. (2016). People and planet: values, motivations and formative influences of individuals acting to mitigate climate change. *Environmental Values*, 22, 1–16.
<http://doi.org/10.3197/096327117X14847335385436>
- Jaspal, R., & Breakwell, G. M. (2014). *Identity process theory: Identity, Social Action and Social Change*. Cambridge University Press.
- Karmarkar, U. R., & Bollinger, B. (2015). BYOB: How bringing your own shopping bags leads to treating yourself and the environment. *Journal of Marketing*, 79, 1–5.
<https://doi.org/10.1509/jm.13.0228>
- Kollmuss, A., & Agyeman, J. (2002). Mind the Gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? *Environmental Education Research*, 8(3), 239-260. <http://doi.org/10.1080/13504620220145401>
- Lee, Y., De Young, R., & Marans, R. W. (1995). “Factors Influencing Individual Recycling Behavior in Office Settings: A Study of Office Workers in Taiwan.” *Environment and Behavior*, 27(3), 380–403. <https://doi.org/10.1177/0013916595273006>
- Leonard, A. (2010). *A história das coisas – como a nossa obsessão pelo consumo excessivo está a destruir o planeta – o que fazer para mudar essa tendência*. Editorial Presença.
- Leoneti, A., Nirazawa, A., & Oliveira, S. (2016). Proposta de índice de sustentabilidade como instrumento de autoavaliação para micro e pequenas empresas (MPEs). *REGE – Revista de Gestão*, 23(4), 349-361. <https://doi.org/10.5700/rege528>
- Littleford, C., Ryley, T. J., & Firth, S. K. (2014). “Context, Control and the Spillover of Energy Use Behaviours between Office and Home Settings.” *Journal of Environmental Psychology*, 40, 157–166. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.06.002>
- Maki, A. J., Rothman, A. (2016). Understanding proenvironmental intentions and behaviors: the importance of considering both the behavior setting and the type of behaviour. *Journal of Social Psychology*, 156, 1–15.
<https://doi.org/10.1080/00224545.2016.1215968>
- Merritt, A. C., Effron, D. A., & Monin, B. (2010). Moral self-licensing: when being good frees us to be bad. *Social and Personality Psychology Compass*, 4, 344–357.
<https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2010.00263.x>
- Moser, G. (2002). La psicología ambiental: del análisis a la intervención dentro de la perspectiva del desarrollo sustentable. In J. Guevara, & S. Mercado (Eds.), *Temas selectos de Psicología Ambiental* (pp. 235-261). UNAM.
- Munasinghe, M. (2002). The sustainomics trans-disciplinary meta-framework for making development more sustainable: applications to energy issues. *Internacional Journal of Sustainable Development, Inderscience Enterprises*, 5(1/2), 125-182.
<http://doi.org/10.1504/IJSD.2002.002563>
- Murtagh, N., & Uzzell, D. (2012). “Self-identity Threat and Resistance to Change: Evidence from Regular Travel Behavior.” *Journal of Environmental Psychology* 32(4), 318–326.
<http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2012.05.008>
- Nash, N., Whitmarsh, L., Capstick, S., Hargreaves, T., Poortinga, W., Thomas, G., Sautkina, E., & Xenias, D. (2017). “Climate-relevant Behavioral Spillover and the Potential Contribution of Social Practice Theory.” *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change* 8(6), 481. <http://doi.org/10.1002/wcc.481>

- Nayum, A., Klöckner, C. A. & Prugsamat, S. (2013). Influences of car type class and carbon dioxide emission levels on purchases of new cars: A retrospective analysis of car purchases in Norway. *Transportation Research Part A: Policy and Practice*, 48, 96- 108. <http://doi.org/10.1016/j.tra.2012.10.009>
- Pinheiro, J. (2002). Comprometimento ambiental: perspectiva temporal e sustentabilidade. In: J. G. Martínez, & S. M. Doménech (Eds.), *Temas selectos de psicología ambiental* (pp. 463-483). UNAM
- Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B., Lee, J., & Podsakoff, N. P. (2003). “Common method biases in behavioral research: a critical review of the literature and recommended remedies”. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879-903.
- Poortinga, W., Whitmarsh, L., & Suffolk, C. (2013). The introduction of a single-use carrier bag charge in Wales: Attitude change and behavioural spillover effects. *Journal of Environmental Psychology*, 36, 240–247. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.09.001>
- Rashid, N. R. N. A., & Mohammad, N. (2011). Spillover of environmentally friendly behaviour phenomenon: the mediating effect of employee organizational identification. *International Journal of Sustainable Development*, 2(12), 29–42. Disponível em: <http://www.ssrn.com/link/OIDA-Intl-Journal-Sustainable-Dev.html>
- Rashid, N. R. N. A., & Mohammad, N. (2012). A Discussion of Underlying Theories Explaining the Spillover of Environmentally Friendly Behavior Phenomenon. *Procedia: Social and Behavioral Sciences* 50, 1061–1072. <http://doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.08.106>
- Reckwitz, A. (2002). “Toward a Theory of Social Practices.” *European Journal of Social Theory*, 5(2), 243–263. <http://doi.org/10.1177/13684310222225432>
- Reis, L. B., & Silveira, S. (2001). *Energia Elétrica para o Desenvolvimento Sustentável* (2ª edição). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP).
- Robertson, J. L., & Barling, J. (2013). Greening organizations through leaders' influence on employees' proenvironmental behaviors. *Journal of Organizational Behavior*, 34, 176-194. <http://doi.org/10.1002/job.1820>
- Sánchez, M., & Lafuente, R. (2010, Septiembre-Diciembre). “Definición y medición de la conciencia ambiental”, *Revista Internacional de Sociología*, 68(3), 731-755. <https://doi.org/10.3989/ris.2008.11.03>
- Schwartzman, S. (1999). Consciência ambiental e desenvolvimento sustentável. Disponível em: <http://schwartzman.org.br/simon/ambiente.htm>
- Shove, E., Pantzar, M., & Watson, M. (2012). *The Dynamics of Social Practice: Everyday Life and How it Changes*. Sage.
- Silveira-Martins, E., Rossetto, C. R., Rossetto, A. M., & Ferreira, E. (2010, Setembro-Dezembro). Estudo da sustentabilidade empresarial: o caso de uma cooperativa gaúcha. *GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 8(3), 457-482.
- Sorrentino, M. (2002). Desenvolvimento Sustentável e Participação: algumas reflexões em voz alta. In R. S. Castro, et al. (Eds.), *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. Cortez.
- Spurling, N., McMeekin, A., Shove, E., Southerton, D., & Welch, D. (2013, September). Interventions in Practice: Re-framing Policy Approaches to Consumer Behaviour. Sustainable Practices Research Group Report. University of Manchester.
- Steg, L. (2008). Promoting household energy conservation. *Energy Policy*, 36, 4449–4453. <https://doi.org/10.1016/j.enpol.2008.09.027>
- Steg, L., Bolderdijk, J. W., Keizer, K., & Perlaviciute, G. (2014). An integrated framework for encouraging pro-environmental behaviour: The role of values, situational factors and goals. *Journal of Environmental Psychology*, 38, 104-115. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.01.002>

- Stern, P. (2000). “Toward a Coherent Theory of Environmentally Significant Behavior”. *Journal of Social Issues*, 56(3), 407–424. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00175>
- Süßbauer, E., & Schäfer, M. (2018). Greening the workplace: conceptualising workplaces as settings for enabling sustainable consumption. *International Journal of Innovation and Sustainable Development*, 12(3), 327. <http://doi.org/10.1504/ijisd.2018.091521>
- Thøgersen, J., & Ölander, F. (2003). “Spillover of Environment-friendly Consumer Behavior.” *Journal of Environmental Psychology* 23(3), 225–236. [http://doi.org/10.1016/S0272-4944\(03\)00018-5](http://doi.org/10.1016/S0272-4944(03)00018-5)
- Thøgersen, J., Haugaard, P., & Olesen, A. (2010). Consumer responses to ecolabels. *European Journal of Marketing*, 44(11/12), 1787–1810. <http://doi.org/10.1108/03090561011079882>
- Thøgersen, J., & Noblet, C. (2012). Does green consumerism increase the acceptance of wind power? *Energy Policy*, 51, 854–862. <http://doi.org/10.1016/j.enpol.2012.09.044>
- Thomas, G. O., Poortinga, W., & Sautkina, E. (2016). The Welsh Single-Use Carrier Bag Charge and behavioural spillover. *Journal of Environmental Psychology*, 47, 126–135. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.05.008>
- Tourangeau, R., Rips, L. J., & Rasinski, K. (2000). *The psychology of survey response*. Cambridge University Press.
- Truelove, H. B., Carrico, A. R., Weber, E. U., Raimi, K. T., & Vandenbergh, M. P. (2014). “Positive and Negative Spillover of Proenvironmental Behavior: An Integrative Review and Theoretical Framework.” *Global Environmental Change*, 29, 127–138. <http://dx.doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2014.09.004>
- Tudor, T., Barr, S., & Gilg, A. (2007). A tale of two locational settings: Is there a link between pro-environmental behaviour at work and at home? *Local Environment*, 12, 409–421. <http://doi.org/10.1080/13549830701412513>
- Tudor, T., Barr, S., & Gilg, A. (2008). A Novel Conceptual Framework for Examining Environmental Behavior in Large Organizations: A Case Study of the Cornwall National Health Service (NHS) in the United Kingdom. *Environment and Behavior*, 40(3), 426–450. <https://doi.org/10.1177/0013916507300664>
- Uzzell, D., & Räthzel, N. (2018). Border Crossing and the Logics of Space: A Case Study in Pro-Environmental Practices. *Frontiers in psychology*, 9, 2096. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02096>
- Van der Werff, E., Steg, L., & Keizer, K. (2013a). “It is A Moral Issue: The Relationship Between Environmental Self-Identity, ObligationBased intrinsic Motivation and Pro-Environmental Behaviour”. *Global Environmental Change*, 23, 1258–1265. <http://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2013.07.018>
- Van der Werff, E., Steg, L., & Keizer, K. (2014a). Follow the signal: When past pro-environmental actions signal who you are. *Journal of Environmental Psychology*, 40, 273–282. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.07.004>
- Van der Werff, E., Steg, L., & Keizer, K. (2014b). I am what I am, by looking past the present the influence of biospheric values and past behavior on environmental self-identity. *Environment and Behavior*, 46, 626–657. <http://doi.org/10.1177/0013916512475209>
- Verfuerth, C., Jones, C. R., Gregory-Smith, D., & Oates, C. (2019). Understanding Contextual Spillover: Using Identity Process Theory as a Lens for Analyzing Behavioral Responses to a Workplace Dietary Choice Intervention. *Frontiers in Psychology*, 10, 345. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00345>
- World Commission on Environment and Development (WCED). Our Common Future. (1987, October). In *Wikipedia*. http://en.wikipedia.org/wiki/Brundtland_Commission
- Werbach, A. D. A. M. (Ed.). (2010). *Estratégia para a sustentabilidade: uma nova forma de planejar sua estratégia empresarial*. Elsevier.

- Whitmarsh, L., & O'Neill, S. (2010). Green identity, green living? The role of pro-environmental self-identity in determining consistency across diverse pro-environmental behaviours. *Journal of Environmental Psychology, 30*(3), 305–314. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.01.003>
- Whitmarsh, L., Hagger, P., & Thomas, M. (2018). Waste reduction behaviors at home, at work, and on holiday: What influences Behavioral Consistency Across Contexts? *Frontiers in Psychology, 9*, 2447. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02447>
- Young, W., Davis, M., McNeill, I. M., Malhotra, B., Russell, S., Unsworth, K., & Clegg, C. W. (2015). Changing behaviour: Successful environmental programmes in the workplace. *Business Strategy and the Environment, 24*(8), 689–703. <https://doi.org/10.1002/bse.1836>
- Yuriev, A., Boiral, O., Francoeur, V., & Paille, P. (2018). Overcoming the barriers to pro-environmental behaviors in the workplace: A systematic review. *Journal of Cleaner Production, 182*, 379-394. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.02.041>

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente inquérito surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer na UNIVERSIDADE, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que visa promover a sustentabilidade na UNIVERSIDADE. O inquérito tem por objetivo recolher a opinião da comunidade da UNIVERSIDADE sobre questões relacionadas com a sustentabilidade ambiental.

A sua participação, que será muito valorizada, consiste em responder a algumas questões sobre a sustentabilidade ambiental e o bem-estar dos membros da UNIVERSIDADE, e pode durar cerca de 10 minutos. **Não existem respostas certas ou erradas às questões colocadas**, estamos apenas interessados em saber a sua opinião pessoal. O inquérito decorrerá em duas fases: a primeira fase que se encontra a decorrer agora e a segunda fase que irá decorrer após um ano. As fases serão intercaladas pela implementação de ações de promoção de sustentabilidade na universidade. Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no inquérito. Ainda que possa não beneficiar diretamente com a sua participação, as suas respostas vão contribuir para uma melhor compreensão dos processos essenciais para promover a qualidade dos espaços da universidade e torná-los mais sustentáveis.

A participação neste estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima** e **confidencial**. No início da sua participação será pedido que gere um código único que deverá facultar durante a primeira e segunda fase, mas em nenhum momento do estudo irá precisar de se identificar. Os dados destinam-se apenas a tratamento estatístico e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente.

Face a estas informações, se aceitar participar, por favor clique no botão abaixo e avance para a página seguinte. O preenchimento do questionário presume que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo participar

Anexo B - Escala de Transferência de Comportamentos Pró-Ambientais

Selecione a opção que melhor se aplica a si relativamente à **separação de resíduos (plástico, papel e vidro)**:

- Comecei a fazer em casa e agora faço também na universidade
 - Comecei a fazer na universidade e agora faço também em casa
 - Só faz parte da minha rotina em casa
 - Só faz parte da minha rotina na universidade
 - Não faz parte da minha rotina
-

Selecione a opção que melhor se aplica a si relativamente à **redução de descartáveis (não comprar água engarrafada, nem produtos em embalagens descartáveis)**:

- Comecei a fazer em casa e agora faço também na universidade
 - Comecei a fazer na universidade e agora faço também em casa
 - Só faz parte da minha rotina em casa
 - Só faz parte da minha rotina na universidade
 - Não faz parte da minha rotina
-

Selecione a opção que melhor se aplica a si relativamente à **poupança de energia (apagar luzes, desligar equipamentos)**:

- Comecei a fazer em casa e agora faço também na universidade
- Comecei a fazer na universidade e agora faço também em casa
- Só faz parte da minha rotina em casa
- Só faz parte da minha rotina na universidade
- Não faz parte da minha rotina

Anexo C – Escala de Comportamentos Pró-Ambientais

Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos **no último mês, na universidade:**

	1 - Nunca	2	3 - Algumas vezes	4	5 - Sempre
Apaguei as luzes quando fui a última pessoa a sair de uma divisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desliguei os equipamentos após ter terminado de usá-los nesse dia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consumi água engarrafada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comprei produtos em embalagens descartáveis (e.g., café em copo de plástico/papel...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Separei os plásticos para a reciclagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Separei o papel para a reciclagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Separei os vidros para a reciclagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

TRANSFERÊNCIA DE COMPORTAMENTOS PRÓ-AMBIENTAIS ENTRE CONTEXTOS

Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos **no último mês, em sua casa:**

	1 - Nunca	2	3 - Algumas vezes	4	5 - Sempre
Apaguei as luzes quando fui a última pessoa a sair de uma divisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desliguei os equipamentos após ter terminado de usá-los nesse dia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Consumi água engarrafada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comprei produtos em embalagens descartáveis (e.g., fruta pré-embalada...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Separei os plásticos para a reciclagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Separei o papel para a reciclagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Separei os vidros para a reciclagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo D – Escala de Identidade Ecológica

Indique em que medida concorda com as seguintes frases:

	1 - Discordo totalmente	2	3 - Nem concordo, nem discordo	4	5 - Concordo totalmente
Gosto de pensar em mim como sendo alguém com preocupações ecológicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agir de modo "amigo do ambiente" é uma parte importante de quem sou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de sentir que contribuo pessoalmente para a proteção do ambiente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo E – Escala dos Princípios Identitários

Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que:

	1	2	3	4	5	
1 - Diminui o valor que atribuo a mim próprio/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	5 - Aumenta o valor que atribuo a mim próprio/a
1- Me faz sentir uma pessoa menos competente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	5 - Me faz sentir uma pessoa mais competente
1- Me faz sentir que não tenho que mudar quem sou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	5 - Me faz sentir que tenho que mudar quem sou
1- Me faz sentir menos único/a como pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	5 - Me faz sentir mais único/a como pessoa

Anexo F – Análise Fatorial Exploratória

Para proceder à análise fatorial exploratória, foram utilizados os itens de todas as variáveis em análise. Para tal foi selecionado o método fatorial de análise de componentes principais, o qual considera a variância total e deriva fatores que contêm pequenas proporções de variância única (Hair et al., 2009). Também se optou pela utilização da rotação fatorial ortogonal VARIMAX, que maximiza a soma de variâncias de cargas exigidas da matriz fatorial (Hair et al., 2009). Com o objetivo de mensurar a adequação da aplicação da análise fatorial, empregaram-se os dois índices mais comuns: esfericidade de Bartlett e Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) (Quadro 4).

Quadro 4*Teste de KMO e Bartlett*

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		.792
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	3543.166
	df	78
	Sig.	.000

Segundo Hair e colaboradores (1998), os testes Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de Esfericidade de Bartlett, indicam qual é o grau de suscetibilidade ou o ajuste dos dados à análise fatorial, isto é, qual é o nível de confiança que se pode esperar dos dados aquando do seu tratamento pelo método multivariado de análise fatorial para que este seja empregue com sucesso. Analisando em primeiro lugar o teste de KMO (Quadro 4), verifica-se que o valor obtido (.792), se encontra dentro da escala aceitável e por isso considerado satisfatório. O valor do teste de esfericidade de Bartlett foi de 3543.166, com nível de significância de .000 indicando que a correlação entre as variáveis é significativa, a ponto de apenas alguns fatores poderem representar grande parte da variabilidade dos dados.

Em relação às comunalidades, como demonstra o Quadro 5, todos os itens apresentaram valores superiores a 0.5, desta forma não foi necessária a extração de nenhum item.

Quadro 5*Comunalidade dos Itens das Escalas*

Variáveis	Inicial	Extração
Gosto de pensar em mim como sendo alguém com preocupações ecológicas	1,000	,778
Agir de modo "amigo do ambiente" é uma parte importante de quem sou	1,000	,828
Gosto de sentir que contribuo pessoalmente para a proteção do ambiente	1,000	,791
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1 - Diminui o valor que atribuo a mim próprio/a, 5 - Aumenta o valor que atribuo a mim próprio/a	1,000	,586
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1- Me faz sentir uma pessoa menos competente, 5 - Me faz sentir uma pessoa mais competente	1,000	,561
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1- Me faz sentir menos único/a como pessoa, 5 - Me faz sentir mais único/a como pessoa	1,000	,552
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1 – Me faz sentir que não tenho que mudar quem sou, 5 – Me faz sentir que tenho que mudar quem sou	1,000	,556
Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, na universidade: - Separei os plásticos para a reciclagem	1,000	,838
Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, na universidade: - Separei o papel para a reciclagem	1,000	,817
Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, na universidade: - Separei os vidros para a reciclagem	1,000	,632
Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, em sua casa: - Separei os plásticos para a reciclagem	1,000	,880
Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, em sua casa: - Separei o papel para a reciclagem	1,000	,897
Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, em sua casa: - Separei os vidros para a reciclagem	1,000	,786

Método de Extração: análise de Componente Principal.

O Quadro 6 foi obtido através do método de extração de análise de componente principal e do método de rotação Varimax com Normalização de Kaiser. Este teste pretende explorar mais

as diferentes variáveis de modo a perceber como se agruparão entre si. A matriz de componente rotativa tem então por objetivo agrupar as variáveis em estudo em fatores. Como demonstra a tabela seguinte, a análise fatorial está estruturada em 4 principais fatores, sendo que o primeiro explica 33.64% da variância, o segundo explica 19.32% da variância, o terceiro explica 10.68% da variância, e o quarto explica 9.44% da variância. O total da variância explicada pelos 4 fatores é de 73.08%. Os restantes 9 fatores explicam apenas 27% da variância.

Observou-se que o item “Para si ter comportamentos amigos do ambiente é algo que: 1- Me faz sentir que não tenho que mudar quem sou, 5- Me faz sentir que tenho que mudar quem sou” apresentou valores negativos, não se comportando da forma esperada e por isso este item foi retirado das análises.

Quadro 6

Matriz de Componente Rotativa

Matriz de Componente Rotativa^a				
	Componente			
	1	2	3	4
Indique em que medida concorda com as seguintes frases: - Gosto de pensar em mim como sendo alguém com preocupações ecológicas	,866	,078	,105	,106
Indique em que medida concorda com as seguintes frases: - Agir de modo "amigo do ambiente" é uma parte importante de quem sou	,893	,117	,066	,114
Indique em que medida concorda com as seguintes frases: - Gosto de sentir que contribuo pessoalmente para a proteção do ambiente	,876	,118	,088	,041
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1 - Diminui o valor que atribuo a mim próprio/a, 5 - Aumenta o valor que atribuo a mim próprio/a	,501	,006	,206	,541
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1- Me faz sentir uma pessoa menos competente, 5 - Me faz sentir uma pessoa mais competente	,472	-,019	,147	,562

TRANSFERÊNCIA DE COMPORTAMENTOS PRÓ-AMBIENTAIS ENTRE CONTEXTOS

Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1- Me faz sentir menos único/a como pessoa, 5 - Me faz sentir mais único/a como pessoa	,219	-,064	,052	,705
Para si, ter comportamentos "amigos do ambiente" é algo que: 1- Me faz sentir que não tenho que mudar quem sou, 5- Me faz sentir que tenho que mudar quem sou	,148	-,106	,093	-,717
Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, na universidade: - Separei os plásticos para a reciclagem	,132	,255	,869	,017
Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, na universidade: - Separei o papel para a reciclagem	,125	,183	,876	,017
Indique com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, na universidade: - Separei os vidros para a reciclagem	,059	,145	,776	,071
Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, em sua casa: - Separei os plásticos para a reciclagem	,104	,907	,213	,000
Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, em sua casa: - Separei o papel para a reciclagem	,130	,915	,206	-,014
Indique agora com que frequência teve os seguintes comportamentos no último mês, em sua casa: - Separei os vidros para a reciclagem	,050	,867	,171	,055

Método de Extração: análise de Componente Principal

Método de Rotação: Varimax com Normalização de Kaiser

a.Rotação convergida em 6 iterações